ENCONTROS EXTRAORDINÁRIOS

GEORGE CHAPMAN

[Tudo é melhor, se bem duvidemos
Do insondável dispor que a Alta Razão
Traz a efeito; e no fim percebemos
Ser sempre o melhor o que vem à mão.

Muitas vezes parece ocultar-se,
Mas volta súbito, em fulgor,
E aos seus fiéis campeões faz mostrar-se
Testemunhando em glória e valor;
Gaza lamenta, e os que se erguem contra
Seu intento que nada afronta.

Seus servos Ele, com nova conquista
Da experiência fiel deste evento,
Despede em paz, em consolação mista,
E calma da mente, de todo o tormento.]

JOHN MILTON

NOTA DO AUTOR

Gostaria de agradecer a colaboração, opiniões e estímulo que recebi do meu filho Michael, o qual não poupou esforços ao entrevistar pacientes e pedir-lhes permissão para que as suas verdadeiras experiências fossem, aqui, relatadas. Agradeço também a todos os clientes e amigos cujos relatos são reproduzidos neste livro.

O meu especial agradecimento vai para o meu amigo Roy Stemman, que organizou este livro, pois sem sua ilimitada paciência eu jamais o teria terminado. Trabalhamos em equipe. Eu poderia até dizer que esta obra foi escrita por George Chapman, Michael Chapman e Roy Stemman.

Excertos de obras anteriormente publicadas (e não mais reeditadas) foram usados nos primeiros capítulos. São elas: The Spiritual Work of Dr. Lang, de Leslie G. Miles: The Return of Dr. Lang de S. G. Miron, LDS, RCS (Eng): Spirit Surgery & The Richest Vein, de George Chapman.

PREFÁCIO

Nos momentos de angústia e de privação, todos nós desejamos entrar, de uma maneira ou de outra, em contacto com Deus, para obter a sua bênção e o seu conforto.

Um dia encontramos por acaso um livro: ele falava do trabalho que o Dr. William Lang realizava com o auxílio do seu médium, George Chapman. O meu marido e eu ficamos fascinados.

Quando chegamos a conhecer pessoalmente George Chapman e William Lang, ficamos sobremodo impressionados pela simplicidade e sinceridade do Sr. Chapman e pelo seu amor ao próximo, que permite ao Dr. Lang tome posse dele, dia após dia, para assim trabalhar pela nossa saúde mental e espiritual. Lang e a sua obra introduziram uma quarta dimensão na nossa compreensão da cura por meios espirituais.

Não podemos deixar de recomendar calorosamente este livro a todos os que desejam conhecer o trabalho realizado atualmente entre nós pelo Dr. Lang.

“Serão salvos os que tiverem fé.”

Anne

Anna, rainha da Romênia.

Versoix, dezembro de 1972

INTRODUÇÃO

Desde que existe, o ser humano possui o poder de curar. Na história mais remota da humanidade, sempre se salientaram, para o bem ou para o mal, médiuns curadores. Nos nossos dias, praticamente em todos os países, existem médiuns curadores, aos quais os doentes se dirigem quando a medicina ortodoxa já não pode auxiliar. As suas técnicas variam muito. Alguns servem-se de drogas; outros parecem misturar um conhecimento rudimentar de técnica cirúrgica com práticas supersticiosas absurdas.

Existem religiosos que ordenam aos seus pacientes que sarem; outros utilizam simplesmente a suave imposição das mãos para aliviar os doentes ou melhorar o seu estado. Todos esses métodos conseguem de certa maneira ser eficientes, e os resultados dependem provavelmente mais do próprio médium do que dos seus métodos. É interessante reparar que, num mundo que se torna visivelmente cada dia mais materialista, dependemos ainda de médiuns e os próprios médicos os consultam, tanto para si como para os seus clientes.

Este livro trata de um único terapeuta ou, antes, de uma equipe que procura curar. Eu sou a metade dessa equipe. O meu companheiro (sócio) é um cirurgião que faleceu em 1937. O meu papel é passivo, isto é, no estado de transe, deixo que o espírito de William Lang se sirva do meu corpo.

Ele recebe os pacientes, faz o seu diagnóstico e procura tratar deles da melhor maneira possível, realizando cirurgia sobre os seus corpos etéricos. Sendo eu o associado terreno, um outro trabalho meu consiste em ocupar-me dos pedidos de tratamento que vêm de todas as partes do mundo, e acompanhar o progresso de cada doente. No capítulo III encontrarão mais pormenores acerca desse trabalho de equipe, assim como uma explicação simplificada da maneira pela qual as operações espirituais do Dr. Lang culminam em resultados positivos.

Mas por que escrevi este livro? Por diversas razões. Porque no passado apareceram vários livros a respeito do Dr. Lang, mas atualmente existe apenas um único. Por outro lado, porque o trabalho do Dr. Lang, tão insólito, é difícil de ser compreendido por muitos que não se submeteram a esses tratamentos. Constatei que os doentes gostam de poder apoiar-se num livro, que passam aos seus amigos, deixando que a palavra escrita explique o que se passa. Isso comprova-se neste livro pois muitos pacientes realçam ter conhecido o Dr. Lang pelos livros escritos sobre ele.

Uma outra razão é que sempre desejei conhecer a reação dos pacientes que conheceram o Dr. Lang, porque muitos entre eles possuem qualificações profissionais que os tornam observadores de primeira ordem, mas cujas profissões também lhes incutem certa dose de ceticismo. Resolvi, pois, pedir a alguns deles a permissão de publicar a descrição das suas entrevistas com o Dr. Lang, e esses relatos formam a parte mais importante deste livro. É inútil frisar que fico profundamente grato com eles pela cooperação, especialmente por as suas narrativas me permitirem perceber o que se passa na sala das consultas. Pois, apesar de estar sempre presente, nunca sou testemunha consciente do tratamento.

Escolhi esses colaboradores entre centenas de outros que nos consultaram, pela razão do especial interesse dos seus casos, e não pela dos resultados obtidos. Por isso o meu livro contém casos em que a consulta com o Dr. Lang não resultou em melhoria aparente, mas também são narrados casos de curas parciais ou completas. Nós não prometemos total restabelecimento, apesar de, na maioria dos casos, o Dr. Lang e os outros membros da sua equipe espiritual terem condições de ajudar os pacientes. Levando-se em consideração que os médicos da terra lhes haviam dito que não podiam fazer mais nada por eles, o que foi conseguido passará a ser apreciado como resultado que nada tem de medíocre.

Espero que, depois de lerem este livro, vocês não somente cheguem a conhecer o Dr. Lang e o seu trabalho, mas possam compreender mais profundamente as realidades espirituais que impregnam a nossa vida terrestre.

CAPÍTULO I

GEORGE CHAPMAN - MÉDIUM

Os acontecimentos mais importantes da nossa vida, os que a moldam ou transformam, tornam-se os seus momentos determinantes. Entretanto passam frequentemente despercebidos, não reconhecidos por aquilo que representam. O acontecimento mais decisivo na minha vida foi a morte prematura da minha filha Vivian, em 1945. A minha esposa Margaret e eu fomos avisados, logo após o nascimento da Vivian, de que ela não sobreviveria. Lembro-me das lágrimas que derramei nos bosques perto do hospital. Apesar das minhas orações fervorosas, ela morreu quatro semanas mais tarde.

Senti que nenhum Deus verdadeiro permitiria que a nossa filhinha nos fosse arrancada. O meu mundo estava destroçado, o meu coração

arrasado... e, no entanto, hoje evoco aquele acontecimento trágico com a certeza de que a curta vida de Vivian teve uma finalidade. Foi por ocasião da sua morte que tive a sorte de aprender algumas grandes verdades, como também de descobrir a minha mediunidade, da qual me sirvo agora para ajudar os doentes. E, assim, ficarei eternamente reconhecido à minúscula mensageira de Deus, Vivian Margaret Chapman.

Até esse brusco desaparecimento, nada me havia sido revelado que indicasse que um dia me tornaria um médico espiritual, consultado por gente de toda a parte. Nasci no dia 4 de fevereiro de 1921 nas imediações das docas de Mersey. A minha mãe morreu com apenas 29 anos, quando eu estava com 5 anos, e fui criado pelos meus avós. Ingressaram-me na escola paroquial de Sta. Maria em Bootle, e a minha educação foi orientada pela fé da Igreja da Inglaterra. Quando terminei a escola não foi fácil de encontrar um emprego, mas trabalhei em vários, por exemplo como manobrista de garagem, açougueiro, e como estivador antes de entrar para a Real Força Aérea, onde servi como instrutor de armas, boxe e exercícios de luta até 1946.

Durante o serviço que prestei na Real Força Aérea conheci a minha futura esposa. Estava acantonado em Halton, perto de Aylesbury, quando nos encontramos e casamos em 1944. Um ano depois nasceu a nossa filha, que viveria apenas um mês. Em maio de 1946 fui desmobilizado e pouco tempo depois envergava um novo uniforme. Alistei-me no Corpo de Bombeiros de Aylesbury.

A morte de Vivian, como já disse, foi uma experiência traumática e então, mais tarde, comecei a interessar-me pela vida após a morte. Li todos os livros que me caíam nas mãos sobre o assunto. Interroguei religiosos que, porém, não me ajudaram em nada, a não ser admoestando-me a não me intrometer no campo do paranormal. Aproveitei todas as ocasiões que se me apresentavam, para conversar sobre espiritualismo e a vida futura com pessoas que se interessavam pelo assunto. Entre os meus colegas, membros do Corpo de Bombeiros, estava Leslie G. Miles, que demonstrava frequentemente a sua habilidade de receber mensagens com um copo emborcado e um alfabeto.

De facto, ele tinha visto um oficial da Real Força Aérea fazer a mesma coisa e descobriu a sua habilidade sem realmente entender o que se passava. Eu costumava conversar com ele e outros colegas sobre Espiritualismo, e não tardamos em constituir um grupo imbuído dos mesmos interesses, do qual participava também o nosso subchefe. Diariamente, fazíamos sessões com o copo emborcado, observávamos como ele deslizava, e soletrávamos mensagens bastante

surpreendentes. A minha esposa e eu fazíamos a mesma coisa sozinhos, com o copo e o alfabeto, e recebíamos mensagens da minha mãe.

Dizia-nos que se ocupava da Vivian, falava de si própria e de como se sentia. Nunca recebíamos mensagens através de médiuns, mas as provas que nos eram dadas convenciam-nos de que a vida continuava além do túmulo. As mensagens que recebíamos referiam-se, frequentemente, às minhas possibilidades de curar, que eu até então não supunha possuir. Decidi-me a experimentar desenvolver a aptidão da viagem astral (a possibilidade de o corpo astral abandonar o físico), e assim comecei a exercitar-me sozinho durante umas três horas por dia. Durante essas horas entrei frequentemente em contacto com a minha mãe e a Vivian, conservando uma vívida lembrança da experiência por muito tempo. Sempre senti a proximidade do espírito da minha mãe, até mesmo hoje. Com o auxílio desses exercícios desenvolvi o transe mediúnico.

Uma das mais antigas mensagens recebidas vinha de uma entidade que se autodenominava "Lone Star" e dizia que uma corrente de controlo seria formada por espíritos amigos no Além, constituindo uma equipe de tratamento espiritual que iria operar com o auxílio da minha mediunidade. Lone Star dizia ser membro da tribo Cree dos peles-vermelhas. Um indiano que se chamava Ram-a-din-i, um jovem chamado Leopoldi e um cirurgião chinês, Chang Woo estavam entre os espíritos que, juntamente com Lone Star, falavam pela minha boca quando eu entrava em transe, nos primeiros tempos da minha vida de médium.

Associei-me a outras pessoas que se interessavam pelo Espiritualismo e, durante as nossas sessões, os encontros eram orientados por um ou mais desses comunicadores. Eu nada sabia do que tinham conversado até recuperar a consciência e os outros presentes diziam-me o que se tinha passado. Foi então que o Dr. Lang se apresentou. Disse-nos que fora escolhido para trabalhar através da minha mediunidade; disso falarei mais tarde. Em seguida, todos os outros comunicadores se afastaram para deixar que agisse sozinho pela equipe.

Sempre acreditei que muitos dos assim chamados guias do Além não resistissem a um exame crítico. É muito importante que todos os médiuns que desejarem desenvolver a mediunidade inconsciente, ou seja, que pretenderem incorporar espíritos desencarnados, estejam convictos de que o espírito que os controla seja capaz de provar precisamente a sua identidade. Esse comunicador deve expressar-se da maneira mais parecida possível àquela que lhe fora própria na terra, usando as mesmas expressões, hábitos e características pessoais. Deve

ser capaz de citar datas, nomes e detalhes das suas experiências terrenas, que possam ser verificados e de conversar sobre assuntos íntimos com os seus parentes e colegas que ainda estejam na terra. Realmente, aconteceu muitas vezes de um "espírito controlador", que reivindicava uma existência terrena, foi esquecido pelos que vivem atualmente, tornando-se difícil assim a verificação do que ele afirmava. Outros encobrem propositalmente a sua identidade com um véu de mistério.

Mas William Lang tem ainda colegas vivos que o conheceram quando ele ainda trabalhava na sua profissão terrena. Há também clientes que o consultaram quando praticava a sua cirurgia terrena e que continuam a ser tratados por ele, agora, que está a trabalhar no Além. Toda essa gente consegue conversar com ele sobre o passado, e ele prova que o decurso do tempo não apagou a lembrança da vida e da gente que conheceu na Terra.

Sei agora que aquilo que pareceu ser uma lenta transformação na minha personalidade -- a aparente transformação num hábil cirurgião que, não somente provou a sua identidade, mas começou a utilizar as minhas mãos para dar continuidade ao seu trabalho cirúrgico nada mais era que a realização de um plano preestabelecido. Todos nós temos um destino na vida e o meu era o de me tornar num médium curador. Talvez isso seja difícil de admitir, assim como outras afirmações deste livro. Porém, tudo está baseado em factos.

Quase diariamente, o contacto do Dr. Lang com este mundo é objeto de minucioso exame. Isto pode ser comprovado. Muitos dos seus pacientes são céticos ao fazerem a primeira visita. Os resultados de cirurgias físicas também foram minuciosamente estudados. Nem sempre ele consegue 100% nas curas, tampouco promete milagres. Mas há centenas de testemunhas, como as citadas neste livro, que mostram que, por um processo que somos ou não capazes de compreender, a volta do Dr. Lang enquanto espírito tem um enorme efeito benéfico sobre a vida de muita gente.

Uma tentativa de explicar esses resultados será feita no capítulo III. Mas primeiro vamos conhecer o Dr. Lang...

CAPÍTULO II

WILLIAM LANG MEDIUM CURADOR

Nove anos antes de eu nascer, William Lang abandonou a sua atividade no hospital. Morreu com a idade de 84 anos, em 13 de julho de 1937, quando eu tinha apenas 16 e vivia em Liverpool. Antes de eu descobrir a minha mediunidade e William Lang começar a manifestar-se, eu nada sabia sobre ele. Apesar de ter sido um eminente médico, o seu nome não era muito do conhecimento do grande público. Ainda há pessoas que conheceram Lang, por haverem trabalhado com ele ou por tê-lo consultado durante os seus últimos anos de vida.

E várias, entre elas, aproveitaram a ocasião para visitar Aylesbury e renovar o contacto que acreditavam ter sido rompido para sempre com a sua morte. Afirmaram que a maneira de falar, os hábitos e conhecimentos médicos que observaram no meu consultório são sem dúvida nenhuma os de William Lang, e puderam discutir sobre acontecimentos passados há vários anos como se as suas relações nunca tivessem sofrido um rompimento. Esses casos foram tratados pormenorizadamente em livros precedentes.

William Lang nasceu em 28 de dezembro de 1852, em Exeter. O seu pai, Isaac, próspero comerciante, enviou o filho para a Escola Morávia, em Lausanne, na Suíça, onde pôde adquirir bons conhecimentos práticos de francês e alemão. Em 1870, aos 18 anos, Lang entrou no Hospital de Londres, onde foi aceito como membro do Real Colégio dos Cirurgiões. Em 1879, tornou-se "Fellow" do mesmo Colégio. Lang preenchia as funções de cirurgião e médico principal no Hospital de Londres, e mais tarde foi professor de fisiologia e anatomia, na Faculdade de Medicina do Hospital. Foi naquela ocasião que conheceu o célebre oftalmologista J. E. Adams, e o interesse que tinha pela oftalmologia aumentou.

Em resultado, William Lang tornou-se cirurgião-assistente no Hospital Oftálmico Central de Londres, em 1879, e cirurgião oftalmologista no Hospital de Middlesex, em 1880. Por uma singular ironia do destino, Adams teve que se demissionar do Central London Ophtalmic Hospital (mais tarde, Hospital dos Olhos Moorfields), em 1884, por causa de uma cegueira crescente, e o seu amigo Lang substituiu-o tanto no Hospital como junto à clientela particular.

Lang foi um dos fundadores da Sociedade Oftalmológica e vice-presidente sênior em 1903, período em que assumiu também a presidência, após o falecimento do seu presidente em exercício, Dr. David Little. Em 1916 assumiu a presidência da Seção Oftalmológica da Real Sociedade de Medicina.

A primeira esposa de Lang, Susan, era sua prima de segundo grau. Foi um matrimónio muito feliz, sendo abençoado com o nascimento de um filho e uma filha. O filho, Basil Thorn Lang, seguiu o pai na oftalmologia e trouxe também notáveis contribuições para esse campo da medicina. Susan faleceu em 1892 e Lang casou-se de novo em seguida. A sua segunda esposa, Isabella Jane, era viúva de A. M. Dunlop.

No princípio do seu primeiro matrimónio, William Lang e a mulher viveram em Wood Green, Londres, antes de se mudarem para Chiswick, onde ele se tornou vizinho de William Morris. Depois disso Lang organizou uma coleção de livros, publicados pela Kelmscott Press. Em 1892 mudou-se para a Cavendish Square, 22, onde passou a maior parte do final da sua vida, antes de mudar para o número 35 dessa mesma célebre praça, pouco tempo antes de falecer.

William Lang não escreveu muito, porém os escritos que publicou contribuíram notavelmente para enriquecer os conhecimentos de medicina. Foi um homem calmo, profundamente circunspecto, pouco demonstrador. Uma vez surgiu uma controvérsia quanto aos métodos de tratamento que naquele tempo não eram de uso generalizado, mas que, por fim, foram adotados pelos seus colegas, depois de ele ter provado a exatidão das suas ideias. Sempre partidário de maciças doses de vacinas, tinha o hábito de começar um tratamento por uma dose que hoje assustaria muitos bacteriologistas.

Em 1882 publicou, junto com W. A. Fitzgerald, um estudo sobre os movimentos das pálpebras associados aos dos olhos. Esse foi o primeiro trabalho que o tornou conhecido. Após cinco anos foi publicado um estudo intitulado ‘A Ação das Substâncias Miáticas e Medriáticas na Acomodação’ (dos olhos), que deu início a uma experiência sobre a ação da mistura de homotropina com cocaína (conhecida como Gotas de Lang). O único livro que publicou, Exame Metódico do Olho, que apareceu em 1895, foi publicado como Primeira Parte de um guia para a prática da oftalmologia, para estudantes e praticantes.

Lang preocupou-se sempre com o lado prático da oftalmologia e aperfeiçoou muitos instrumentos cirúrgicos usados naquele tempo. Entre essas inovações pode-se citar o bisturi, destinado à extração da catarata. Amiúde passavam-se anos até que os seus esforços fossem entendidos e imitados pelos seus colegas. A notícia necrológica, publicada no The British Journal of Ophthalmology, dizia: "Nenhum médico-operador e oftalmologista em geral superou Lang no seu tempo. Os que tiveram a sorte de pertencer à sua equipe cirúrgica recordar-se-ão sempre da sua técnica operatória e da disposição que apresentava nos casos difíceis... Todos aqueles que trabalharam com ele, e o recordam, têm

frequentemente o seu nome na boca, quando se visitam, e lembrar-se-ão sempre daquele homenzinho ágil, sempre de bom humor, sempre amável, sempre com um bom conselho, especial- mente em casos difíceis; e, quando se encontrarem com ele nos Campos Elísios do Além, haverá um prazer que hão de desejar: vê-lo novamente praticar iridectomia para eliminar um glaucoma."

Este último comentário deve ter surpreendido muitos leitores desse sério jornal de oftalmologia; entretanto, predizia o futuro com grande precisão. O seu autor anónimo era obviamente um amigo íntimo de Lang, que partilhava da sua fé na existência do mundo do Além. Durante a sua vida, Lang aceitou o facto da sobrevivência e o conhecimento que tinha da vida após a morte era notável. Foi um homem religioso, educado na fé da Igreja da Inglaterra, mas não era do tipo que pensava que a sua fosse a única religião verdadeira.

Sempre afirmou (e o faz ainda hoje) que as crenças religiosas de uma pessoa são algo absolutamente pessoal, entre o homem e seu Criador, em que não cabe a ninguém interferir. Tinha o hábito de sempre rezar e agradecer a Deus, antes ou após o trabalho, e é interessante notar que ele age da mesma forma agora, quando volta para tratar dos doentes por meu intermédio. Muitos pacientes conheciam o grande interesse que nutria pelo mundo espiritual e alguns ofereceram-lhe livros sobre o assunto.

Lang sofria de um tremor nervoso nas mãos, que não o abandonava jamais, porém isto nunca prejudicou a sua habilidade de operador. Isto ainda se manifesta quando ele opera através de mim. Como os outros oftalmologistas no seu tempo, aprendeu a operar com ambas as mãos. Mas como o tremor era menos forte na mão esquerda, ele utilizava-a nas operações, e é a minha mão esquerda que é controlada por Lang quando estou em transe, apesar de eu ser normalmente destro.

O consultório está montado para um canhoto. Entretanto, Lang escreve com a direita. Ele era também um pouco míope. Recuava os óculos para a testa antes de operar e então, com os seus olhos próximos do olho que operava, parecia distinguir tudo, muita coisa que aos outros escapava. Essa inclinação do corpo, devida à miopia, é uma outra característica de Lang.

Durante os vinte e cinco anos que se seguiram à sua aposentadoria, William Lang conservou uma boa saúde. Um dos seus múltiplos prazeres era o golfe. Mas, ao ficar velho, foi-se tornando fraco aos poucos, até que, em 1937, durante a sua estadia em Crowborough, em Sussex,

apanhou um resfriado que em poucos dias levou-o à morte, no dia 13 de julho.

Chegando no mundo do Além, William Lang descobriu que não somente conservara a sua personalidade e as suas capacidades intelectuais, como também o seu orgulho pela profissão terrena, orgulho ligado ao desejo de fazer uso dela. Durante algum tempo sentiu-se frustrado, mas aos poucos, em companhia de outros praticantes da medicina e de enfermeiros passados para o Além, descobriu, com grande alegria, que lhe seria possível voltar à Terra e continuar a sua tarefa de curar doentes.

Lang soube que eu fora escolhido para ser médium na realização desse trabalho. Primeiro certificou-se, através da experiência, se conseguia fazer com que o seu fluido psíquico passasse efetivamente para as minhas mãos. Em seguida, teve condições de controlar o meu corpo por completo, quando eu entrava em transe. Então Lang compreendeu, para sua grande felicidade, que agora possuía meios de realizar o seu desejo de curar doentes de novo.

Isso, somado ao meu próprio desejo de me tornar terapeuta, foi a razão do sucesso dos nossos esforços unidos para um objetivo comum.

William Lang continua uma personalidade humana, conservando os seus gostos e desgostos. É amável com todos, mas adapta-se mais facilmente a alguns indivíduos que a outros. Durante a sua vida terrena a maioria dos seus pacientes tratava-o por "Dr. Lang", embora o título correto para médico-cirurgião seja "Sr.". Hoje os seus clientes continuam a tratá-lo por Dr. Lang, e ele nunca faz objeções. Este título sempre lhe pareceu mais amável que "Sr.", e ele considerava todos os doentes como amigos. Neste livro também o tratarei por "Dr. Lang", pois ele também é meu amigo.

CAPÍTULO III

A FORÇA QUE CURA

Os poderes terapêuticos utilizados no tratamento espiritual são de origem divina. A força curativa vem diretamente de Deus. É essa mesma energia que Jesus Cristo utilizou ao realizar as suas curas milagrosas e que, mais tarde, foram empregadas pelos seus discípulos. Em tempos remotos, os soberanos deste país também se serviram dela ao exercer o poder divino da cura, contudo ela caiu em desuso à medida que se desenvolveram os conhecimentos na medicina. A força que cura faz parte das leis naturais do Universo e, por isso, deve ser usada. Por esse

motivo, ela está à disposição de toda a humanidade, independente da crença religiosa ou da cor da pele, e jamais uma seita particular ou grupo comunitário gozou do monopólio dos poderes de curar.

Muita gente aceita somente o aspeto material desta vida terrena, recusando o seu lado espiritual. Outros consideram-se, antes de mais, corpos físicos, habitados por um espírito. Entretanto, os nossos corpos são a parte menos importante do ser, se compararmos a sua duração com a dos nossos espíritos na Eternidade. A nossa vida na Terra é apenas uma breve aprendizagem que prepara a entrada para a vida eterna. Este ponto é importante e precisa ser lembrado.

O corpo espiritual é composto de um fino tecido, que é, não obstante, uma substância resistente. Pode encolher-se no interior do corpo físico assim como dilatar-se ao redor do mesmo, com muita facilidade. Não se deve confundir o corpo etérico com o próprio espírito. Somos espírito. O que quer dizer que quem percebe, cria e se manifesta através do seu corpo físico – somos a nossa alma. Ela tem uma origem divina e é eterna. O que desaparece com a morte é o nosso corpo físico e continuamos a existir como entidade espiritual.

Pensem em termos da televisão. Suponham que o seu recetor tenha um defeito. O programa que aparecia na tela no momento da "morte" do aparelho continua a ser transmitido. Não pára apenas porque o recetor cessou de funcionar. Mas levemos mais adiante esta analogia. Antes que a imagem chegar até vós, precisa passar por diferentes estados. Primeiro, é capturada pelo olho de uma câmara que a converte em impulsos. Estes são então canalizados a um transmissor que emite os sinais. As antenas captam-nos e levam-nos ao aparelho recetor da vossa televisão que alimenta um tubo de raios catódicos. Este transforma-os de novo em sinais e, por fim, em imagens que aparecem na tela.

Esta explicação bastante simplificada, da televisão, dá-nos uma ideia da nossa própria existência. É necessário que os nossos espíritos cheguem à Terra para adquirir experiência e colher preciosas lições. Para isso, necessitam de corpos materiais. Cada espírito, porém, deve passar por várias modificações, porque o corpo etérico tem maior quantidade de vibrações do que o físico. Para conseguir isso, utiliza o corpo etérico como intermediário.

Este adapta-se ao corpo físico. O corpo etérico contrai-se sob a pele, e pode dilatar-se à sua superfície. É composto de células elétricas e fornece energia ao corpo físico. O seu papel, pois, é importantíssimo na vida física. As células elétricas do corpo etérico estão unidas por uma força magnética e aderem, assim, ao corpo físico como um ímã durante

toda a nossa vida terrena. Morrendo o corpo físico, o corpo etérico continua unido ao espírito durante curto período de tempo, mas, como não se adapta às vibrações mais rápidas do mundo espiritual, logo é rejeitado e, por sua vez, fenece.

Se, por algum motivo, o espírito não se harmonizar com o físico, este último é atingido por uma doença. Da mesma forma, se alguma coisa não funcionar no corpo físico, isso influi no corpo etérico. Suponhamos que um membro seja amputado; o corpo etérico contrai-se profundamente dentro do físico e adquire, durante um certo período de tempo, a forma do corpo. Quando este último morre, a figura do corpo etérico retorna e então transporta o próprio espírito para o outro mundo, onde, por sua vez, se dissolve, por já ter cumprido os seus propósitos.

O Dr. Lang explica que, ao tratar o corpo etérico, o efeito correspondente pode ser produzido no corpo físico mas, por razões que não podemos explicar, nem todas as operações espirituais são bem-sucedidas. Para isso, necessita de um médium, e fui eu o escolhido para esse fim. Quando chega o momento de tratar o paciente, o meu espírito é retirado do corpo físico e o Dr. Lang assume inteiramente o seu controlo. Nesse estado, vivo fora do tempo, e torno à consciência sem saber o que se passou entre o Dr. Lang e o cliente. Raramente chego a conhecer os doentes, porque, antes de entrar em transe, prefiro não ter a imagem deles na mente.

Utiliza instrumentos espirituais para realizar as suas operações, embora em nada se pareçam com os instrumentos usados nos hospitais terrenos. As marcas das operações aparecem no corpo etérico devido à sua consistência e, por vezes, um sinal correspondente aparece no corpo físico, se bem que desapareça logo. Devo realçar aqui que, durante uma operação espiritual, não se toca no corpo do paciente, nem a sua roupa é removida.

Quando um cirurgião do Além pratica uma intervenção, não se limita a uma determinada parte do corpo, como o fazem os cirurgiões da Terra, porém trata qualquer órgão ou região do corpo que não funcione devidamente. Se houver um tumor, ele corta a sua parte correspondente no corpo etérico. Se um paciente, ao ser operado, carecer de energia (poder magnético), o Dr. Lang, se assim o desejar, antes de operar transfere um pouco de energia do meu corpo etérico para o doente. Já houve exemplos de reconstituição de uma parte interna do corpo do paciente, para o que o cirurgião do Além se serviu do ectoplasma, que, por um processo químico, pôde solidificar.

Para terminar, uma palavra sobre o tratamento à distância. Distância não é obstáculo para os médicos do Além, pelo que tratamento pode ser administrado a um doente que viva em qualquer lugar do mundo. Quando recebo uma carta de um paciente a solicitar um tratamento à distância, mentalmente transmito a sua mensagem com rapidez ao Dr. Lang. Assim, entro em sintonia com ele enquanto leio a carta. O tratamento espiritual inicia-se no momento em que a carta do doente é aberta, seja qual for a hora do dia.

O tratamento à distância é eficiente e algumas vezes leva à cura. Mas, desde que o cirurgião do Além precise tratar o paciente através do próprio espírito deste, de preferência à ajuda de um médium, os resultados não são sempre tão bons como no tratamento por contacto. O tratamento à distância funciona como valioso suplemento no tratamento por contacto, e os pacientes que recebem aquele devem, sempre que for possível, receber também este.

Sempre fiz o possível por explicar, usando termos terrestres, atividades cuja procedência é espiritual, e dou-me conta das incompreensões que isso possa provocar. Posto que, literalmente, não estou presente nas consultas, não sou capaz de expressar um ponto de vista pessoal do que ocorre durante uma operação espiritual. Por isso, fico profundamente agradecido para com os pacientes e visitantes do consultório do Dr. Lang, que me permitiram usar os seus relatos neste livro.

CAPÍTULO IV

OS DIAS DE INICIAÇÃO

Jack Smalley estava sentado num vagão do comboio que se aproximava da estação de Iorque. Era um dia de outono de 1955, e ele voltava de Londres para Newcastle, após uma reunião da seção do Sindicato dos Bombeiros. Ao sair da reunião, Raymond Cross, seu amigo e colega, entregou-lhe um envelope, e sugeriu que lesse durante a viagem o livrete que estava dentro.

Jack Smalley deixou o envelope na sua pasta e esqueceu-se dele por completo, até o comboio se aproximar da estação de Iorque. Então pegou na pasta da bagageira em cima da sua cabeça, e tirou o envelope. Pensou que tivesse alguma relação com o seu trabalho de bombeiro. O seu conteúdo, porém, perturbou-o. Eis a história de Jack Smalley, tal como ele a narrou:

Tirei o livrete do envelope e li, admirado, o título: ‘O trabalho espiritual do Dr. Lang’. Sem dúvida que Ray Cross se enganara ao colocá-lo no

envelope. Reparei então que o autor era Leslie G. Miles. Leslie Miles? Esse era, sem dúvida nenhuma, o nome do oficial dos bombeiros do quartel de Aylesbury. Abri o livro e, para meu horror, versava sobre Espiritualismo! Ainda por cima, conforme me parecia, o Dr. Lang estava morto. Bem, para mim, naquela altura, quando uma pessoa estava morta, estava mesmo, e digo-o a sério.

O comboio estava a entrar na estação de Iorque. Então, larguei o livrete no assento e cobri-o antes com um jornal, para que ninguém percebesse. Fiquei sentado com o olhar vago, enquanto as pessoas saiam e entravam no vagão. Quando o comboio retomou a marcha, retirei o jornal e peguei no livrete. Afinal, Ray era um tipo sadio, sensato, e Leslie Miles parecia tão congruente quanto uma rocha. Nem um nem outro era excêntrico, dizia eu a mim próprio, ao me interrogar: "Será que vou ler?" Arrisquei. Li a brochura, que transformou a minha vida em diversos aspetos. Mudou a minha maneira de pensar e a atitude que tinha perante o futuro.

Seria possível morrer sem estar morto? Seria verdade que uma parte de nós continuava a viver, e que esse fosse o caso do Dr. Lang, o qual realizava essas extraordinárias operações psíquicas por intermédio do seu "instrumento", George Chapman? O livrete afirmava-o, e pacientes agradecidos também rendiam tributo, nessas páginas, ao seu poder terapêutico. Terminada a leitura, desci pensativo do comboio, em Newcastle. O passo era seguinte passava por ter uma conversa com Ray Cross e apurar algo mais. O Ray ajudou-me muito. Falou-me de experiências pessoais de cura. Fiquei ansioso para obtê-las. Perguntei se não poderia conhecer aquele homem chamado Chapman. Que fazia ele? Onde trabalhava?

"John", disse-me ele, "é um bombeiro do quartel de Aylesbury".

Bem, foi como se eu tivesse caído escada abaixo!

E assim, algumas semanas depois, fui recebido por George Chapman na sua casa em Aylesbury. Um caloroso e firme aperto de mão foi o princípio de uma amizade que dura há mais de dezassete anos. Entramos numa sala, onde eu vi um divã parecido com o do consultório do meu próprio médico em Newcastle. Ray, George e eu palestramos durante alguns minutos, quando, de repente, George disse:

"Lang está aqui."

Virei-me e olhei, mas ninguém além de nós estava na sala. Quando tornei a virar-me, vi o George sentar-se numa cadeira e fechar os olhos. O Ray agarrou-me pelo braço. Ficamos totalmente imóveis, enquanto o George começou a transformar-se. O seu rosto enrugou, sob a meia-luz

da sala. Depois levantou-se, mas a voz que dele emanava não era a de George Chapman.

Saudou o Ray, depois voltou-se para mim e disse: "Estou encantado por o conhecer, Sr. Smalley". Respondi e daí percebi que estava a falar com um morto! A voz, o tom e a conversa eram bem diferentes dos do George Chapman. O meu ceticismo começou a esvair-se. Em seguida estendi-me no divã e fiquei a observar como o Dr. Lang executava a primeira operação espiritual no meu corpo. Quando terminou, fez uma oração e agradeceu pelo privilégio de trabalhar mais uma vez no plano terreno em benefício dos vivos. Depois sentou-se e, enquanto eu observava o velho médico desaparecer, e George Chapman, o bombeiro, retomar o seu lugar. Saí da casa e, ao caminhar ao sol até à estação, interroguei-me:

"E agora? Que irá acontecer?"

Não precisei esperar muito pela resposta. 1956 trouxe a tragédia. Quando o meu médico disse: "Sinto muito ter de lhe dizer, mas a sua esposa está com um cancro ", os meus primeiros pensamentos voltaram-se para George Chapman e o Dr. Lang. Foi marcada uma consulta, e minha mulher e eu fomos a Aylesbury, onde encontrei de novo o George e o médico espiritual, que trabalhava por seu intermédio. Depois das apresentações, a minha mulher deitou-se no divã e o Dr. Lang começou o seu exame e diagnóstico.

"A senhora sabe o que tem?", perguntou-lhe. Ela disse que sim. A operação foi demorada e, finalmente, o Dr. Lang disse:

"A senhora não vai morrer." E acrescentou: "Será necessário que a senhora use o seu livre-arbitrio." O sentido desta palavra revelou-se-me somente mais tarde.

O hospital havia dado alta à minha mulher, sob o pretexto de que uma operação ia mostrar-se inútil. Voltando a Newcastle, depois de termos consultado o Dr. Lang, eu observava-a ansiosamente esperando encontrar alguma mudança no seu estado. Fiquei feliz ao ver uma melhora progressiva.

Passados uns quinze dias, o nosso médico veio fazer-nos uma visita e ficou estupefacto ao ver minha mulher andar pela casa, ficando ainda mais surpreendido ao saber que ela havia viajado para Aylesbury. Disse então que ia providenciar imediatamente para que a tratassem com radioterapia num hospital de Newcastle. E é aí que se manifestaria o livre-arbítrio de que o Dr. Lang falara. Devia ou não aceitar o tratamento? Ela aceitou o rádio e, desde esse momento, começou a recaída. George foi avisado e foi duas vezes à minha casa em Newcastle, coisa pela qual lhe sou e serei perpetuamente grato. A minha mulher sofria muito e

estava acamada, mas, assim que o Dr. Lang a tocou, a dor desapareceu. Na sua segunda visita, disse-lhe:

"A senhora havia de gostar de estar aqui. É tão pacífico!"

Então eu percebi que logo ocorreria o fim, o que aconteceu no dia 30 de novembro de 1956. Mergulhado numa espécie de torpor pensei: "Se ao menos...?"

Certo que eu ouvira o médico espiritual dizer que não podia realizar milagres, mas no meu íntimo eu sabia que um "milagre" teria acontecido se a minha esposa tivesse exercitado o seu livre-arbítrio.

Consultei o Dr. Lang novamente em 1957 e, em 1959, quando me curou de incómodos urinários. Naqueles anos fiquei impressionado pelo modo de ele controlar George Chapman e de se movimentar ao seu redor com muito mais facilidade do que quando o vi pela primeira vez. Em seguida, em 1965, fui bastante atormentado pelas hemorroidas. O médico local tratou-me, mas sem resultado, e assim fui ao hospital consultar um especialista que me deu uma injeção muitíssimo dolorosa. Durante alguns meses houve uma melhora e, depois, as hemorroidas retornaram. Desta vez o recado do especialista para o meu médico dizia que eu tinha "hemorroidas a granel" e que seria necessária uma operação dentro de três meses.

Entrei em contacto com o George Chapman, marcamos uma consulta e eu fui a Aylesbury para uma operação psíquica. Fiz uma incómoda viagem de carro, de Newcastle a Aylesbury, que fez sangrar as hemorroidas. Depois da operação psíquica, voltei outra vez de carro para Newcastle, mas desta vez não fui incomodado nem houve sangria.

Passados três meses, fui ao hospital de Newcastle e o especialista examinou-me. Parou por um momento, pediu a minha ficha à enfermeira, leu-a e examinou-me de novo. Eu ouvi-o murmurar algo e, em seguida, dizer-lhe:

"Desocupe esta cama, este homem não precisa de operação".

Em 1969 o mesmo problema voltou a manifestar-se e, então, tive uma outra sessão com o Dr. Lang... e tudo acabou.

No ano de 1970, ao viajar pela França, torci um joelho durante um torneio de pingue-pongue. Isso desencadeou uma crise de artrite nos dois joelhos e na mão esquerda. Sofri muito e fui obrigado a andar, durante certo tempo, apoiado numa bengala. O remédio do meu médico?

Deu-me umas pílulas e disse-me que eu teria de viver com a doença. Mas o Dr. Lang veio ajudar-me uma outra vez o. Primeiro recebi o

tratamento à distância e, em seguida, fui a Aylesbury. Depois disso fui capaz de percorrer 2.900 milhas pelo continente, como turista. Se bem que os meus joelhos doam de vez em quando, o seu estado melhora dia-a-dia e, após a última visita que fiz ao Dr. Lang, em janeiro de 1972, não sinto mais dor na mão esquerda; um raro espasmo apenas no joelho esquerdo e a dor, no outro, está bastante reduzida.

Tenho a certeza de que tudo isso logo voltará ao normal. Senão, espero ter sido privilegiado por estar na presença de um ente espiritual que se tornou conhecido no plano terreno como um maravilhoso terapeuta e que, agora, aumenta ainda mais essa reputação vindo do mundo do Além. Agradeço a Deus pelo dia em que conheci, pela primeira vez, George Chapman e, por seu intermédio, William Lang.

Eis, pois, a história de Jack Smalley. Cito-a neste trecho do livro porque quando Jack veio consultar o Dr. Lang pela primeira vez era eu ainda bombeiro, conforme ele referiu. As consultas eram realizadas na minha casa, a qual ficava naquele tempo na Avenida Cromwell, em Aylesbury. As pessoas que procuravam o auxílio do Dr. Lang tinham frequentemente relações com o Corpo de Bombeiros. Desde então, através da recomendação e informação sobre o meu trabalho, as pessoas visitam Aylesbury para receber operações espirituais; vêm de todo lado, apesar de eu jamais ter feito propaganda.

Digo, de passagem, que Jack Smalley está aposentado do seu posto de oficial responsável da seção preventiva de incêndios, do Corpo de Bombeiros do condado de Durham. Durante dezassete anos foi presidente nacional da seção dos oficiais do Sindicato dos Bombeiros. Foi, também, conselheiro do prefeito de Newcastle e deputado magistrado de 1966 a 1967. Agora é secretário honorário da seção das caravanas motorizadas, do Camping Club da Grã- Bretanha e da Irlanda. Vive na Woodhead Road, 26, em Newcastle-upon-Tyne.

Desde os antigos tempos em que Jack Smalley consultou o Dr. Lang pela primeira vez, a procura da ajuda desse curador espiritual aumentou constantemente. Também eu logo precisei abandonar o meu serviço de bombeiro, para consagrar todo o meu tempo à obra de curar. Precisei inclusive mudar para outra casa mais adequada. O que faço, agora, é correr a St. Brides, Aylesbury, Bucks. Esta casa é suficientemente grande para me abrigar, à minha esposa e aos meus dois filhos crescidos, Lana e Michael. Serve também de escritório para os secretários que devem responder às inúmeras cartas que recebo diariamente. Faz pouco tempo, mandei construir uma sala separada para consultas, onde o Dr. Lang recebe e trata todos os seus pacientes.

CAPÍTULO V

UM EXAME MÉDICO

Ao contrário do que pensa o grande público, os médicos se interessam-se muito pela cura espiritual, a ponto de mandarem os seus pacientes consultar um espírito, ou receberem, eles próprios, tratamento espiritual. É por isso que acontece recebermos visitas de membros da classe médica, homens e mulheres, aqui em St. Brides. O que os atrai, principalmente, é o facto de poderem discutir a cura com um homem que era - e ainda é- membro da sua profissão.

A ética profissional não nos permite revelar, seja o que for, sobre eles e, na maioria dos casos, eles não estão preparados para revelar o seu interesse, receando prejudicar a sua carreira. Assim, fiquei sobremodo satisfeito quando dois elementos da classe médica, que conversaram com o Dr. Lang, concordaram em relatar neste livro as conversas que tinham tido.

O primeiro relato é de particular interesse, porque o homem que o escreveu, Robert W. Laidlaw, Doutor em Medicina, além de médico, é ao mesmo tempo um distinto membro da Associação Americana para Pesquisas Psíquicas e tesoureiro-secretário da Life Energies Research Inc., dedicando-se a um estudo especial da cura não-ortodoxa. O grupo de pesquisa, no qual a sua esposa exerce um papel ativo, tem a sua sede em sua casa, Park Avenue, 563, Nova Iorque 21, N. Y., EUA.

O Dr. Laidlaw conheceu, pela primeira vez, o Dr. Lang pouco tempo depois do Natal, em 1969. Eis a impressão que colheu desse primeiro encontro:

Durante anos fiz várias experiências com alguns médiuns que diziam ser controlados por diversas entidades. Essas entidades falavam habitualmente de uma maneira vaga e generalizada, deixando perceber muitas vezes sentimentos elevados e filosóficos. Todavia, foi sempre difícil obter respostas diretas ou concretas para as perguntas que se lhes fazia. A conversa que tive (e foi realmente uma conversa) com o Dr. Lang diferenciava-se totalmente das outras experiências.

Fui consultá-lo, não por causa de algum mal-estar pessoal, mas para conversar com ele sobre as impressões que ele tinha sobre a vida depois da morte e as suas próprias experiências aqui na terra. Conforme o que anotei nos meus escritos, tivemos uma palestra cômoda e direta, de médico para médico. Ele falou espontânea e sabiamente de certos problemas oftalmológicos e de técnicas que utilizava nas suas cirurgias

espirituais. Fiquei então plenamente convencido, e acredito hoje, de que conversei com o espírito sobrevivente de um médico falecido há trinta anos. Toda a sua conduta foi simples, calorosa e sincera.

No fim da nossa entrevista, autografou-me um exemplar de um livro sobre o seu trabalho, que ainda guardo na minha biblioteca como um dos mais preciosos bens. Estou convencido de que a voz que ouvi, transmitida através do médium, o Sr. George Chapman, procedia do falecido, mas ainda bem vivo, Sr. Lang, e a lembrança que guardo dela é tão viva e precisa, como se ainda estivesse sentado ao seu lado e falasse com ele.

O Dr. Laidlaw enviou-me as anotações que fez desse primeiro encontro, sobre as quais ele baseou sua opinião, e permitiu-me, amavelmente, publicar os seguintes trechos:

Quando entrei no consultório da casa de George Chapman, em Aylesbury, um homem de meia-idade vestido com um blazer encontrava-se sentado de costas para a janela; de olhos fechados. Cumprimentou-me com uma voz aguda, um pouco trêmula pela velhice, dizendo:

"Fico satisfeito por o senhor me vir consultar, doutor."

Eu respondi (um tanto confuso por dar por mim próprio tão repentinamente naquela situação):

"Será que me dirijo a George Chapman ou ao Dr. Lang?"

Ele respondeu: "Sabe, doutor, na Inglaterra, nós cirurgiões somos tratados por Sr., e eu preferiria que se dirigisse a mim chamando-me de Sr. Lang."

Em seguida convidou-me a sentar-me numa cadeira e sentou-se a meu lado, num comprido canapé, tão perto que durante a conversa que travamos acontecia ele tocar-me o braço como para enfatizar o que dizia. Sinto imensamente não ter tido comigo um gravador, porém, rabisquei anotações sobre a conversa, que demorou cerca de uma hora e um quarto.

Depois de ter falado sobre a sua juventude, o Sr. Lang contou-me que fora cirurgião geral e acrescentou: "Quis fazer um estudo especial da visão, e levei-o adiante. Tornei-me um clínico. No Além, quis voltar a exercer. Como sempre gostei de ajudar o próximo, fui informado de que poderia frequentar a escola no mundo espiritual, a fim de poder voltar. Escolhi trabalhar com o corpo etérico. Sirvo-me de expressões simples quando falo com os pacientes. Levo-os a compreender a diferença entre 1.") o físico e 2.°) o espiritual, os quais possuem energias e proporcionam vida ao corpo físico. Estou habilitado a trabalhar sobre o

corpo etérico. Depois que o corpo físico morre, o corpo etérico morre também. O espírito propriamente dito (isto é, a alma) permanece. É uma parte sua, que o dirige. Quando o espírito se altera aparecem as perturbações mentais.

"Certas doenças, como por exemplo as fraturas, necessitam de um tratamento ao nível físico. Outras doenças procedem do corpo etérico. Eu preciso diagnosticar a causa da perturbação. Se, depois de uma operação bem-sucedida, a dor persiste, o problema está ou no corpo etérico ou no próprio espírito. Muitas pessoas têm os órgãos perfeitos, mas estão sempre doentes. Percebo que lhes falta energia. Elas se parecem a uma bateria descarregada. Então, empresto energia do meu médium e aplico-lhes raios curativos.

“A nevrite ótica retro-bulbosa é considerada frequentemente uma doença puramente física, mas eu descobri que, nos pacientes com amargas experiências de vida ou também de consciência muito ativa, pode desenvolver-se uma contração criando uma nevrite retro-bulbosa. Essa desordem vem do próprio espírito. O doente precisa ser considerado como um todo. As vezes é útil mergulhá-lo num leve transe, fazê-lo respirar profundamente até que fique totalmente relaxado e aí, então, fazer-lhe perguntas e discutir os seus problemas. Em seguida pode-se tratá-lo através do corpo etérico e afastar do corpo físico a causa da perturbação... É preciso tratar o físico, separando-o do corpo etérico."

A linguagem, a partir desse ponto, era muito técnica, tanto que fui incapaz de registar, mas deu para entender que o corpo físico e o corpo etérico estão separados por uma distância mínima, o suficiente para o cirurgião espiritual operar. O Sr. Lang continuou:

"Nem toda doença é curável. Eu digo aos pacientes que apenas faço o melhor que posso. O meu médium insiste nisso... Alexandre Cannon escreveu livros sobre psiquiatria. Em 1928, convidou-me a associar-me a ele, dizendo que havia muitas doenças que estavam relacionadas com a mente. Respondi-lhe que havia pedido a minha demissão em 1914 e que não queria aventurar-me de novo. Por volta de 1935, eu estava realmente fraco, e o tremor das minhas mãos aumentou. Era eu um pequenino homem que gostava de golfe. Em 1937 Cannon disse que me ia ajudar, mas eu já estava exausto e a definhar. Ele tentou fazer com que eu relaxasse. Tinha a impressão de que eu possuía o dom de curar. Transportei-me para o outro mundo."

"Muitos anos mais tarde, o meu médium cooperou com Cannon nas suas experiências. Cannon era uma pessoa fina. Veio almoçar e disse: "Não preciso mais do que uma batata e um ovo quente. Era vegetariano. Eu,

não, sou muito mais amigo de bolinhos de peixe. Digo aos doentes para comerem carne... Necessitam de regime equilibrado. George Chapman gosta de vinhos suaves, como eu. Ele come somente duas vezes ao dia. O corpo deve estar em jejum quando se entra em transe."

A conversa continuou, girando sobre diversos assuntos. Perguntei-lhe se ele conhecia o Dr. Fritz, médico alemão que se encarnava no médium brasileiro José Arigó (já falecido). Disse que não conhecia Fritz, apesar de ter ouvido falar de Arigó. O mundo espiritual, acrescentou, é imenso e lá há muitos médicos. Em seguida disse:

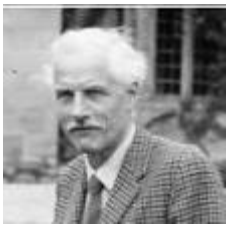
"Pertenço a uma equipe de médicos que conheço. Esta equipe cresce, quando os filhos desses médicos ou os seus amigos passam para o outro mundo. Conservarei o contacto, aqui, até o meu médium se juntar a mim e, então, mais tarde, o meu filho Basil será auxiliar do filho do George, Michael. Estou contente de poder voltar agora como médico e conversar com os meus amigos. Os espíritos moços deveriam fazer o trabalho e os mais velhos assistir-lhes. George começou aos 25 anos."

O médium, em transe, em seguida levantou-se, foi a tatear até a porta e perguntou ao Michael, que estava junto à escrivaninha da sala de espera, se havia outros pacientes. Pediu também um exemplar do livro Mãos de Cura, o qual lhe foi entregue. Atravessou a sala, dirigindo-se à escrivaninha, a tatear. Disse:

"Eu consigo enxergar o senhor mas não enxergo os objetos."

Depois sentou-se, pôs a dedicatória no exemplar e assinou-o - William Lang.

Outro paciente dotado de conhecimentos médicos, e que trabalha num hospital de Nova Iorque, descreve as experiências por que passou em tratamento com o Dr. Lang, no capítulo XIV. Mas, agora, penso que é mais indicado citar as impressões de um visitante britânico, Sir George Trevelyan, que fez a sua primeira visita ao Dr. Lang por volta de 1967.



George Trevelyan

Sir George, que era diretor do Shropshire Adult College, Atringham Park, Shrewsbury, é um famoso pesquisador psíquico. "Quando fui conduzido ao consultório", escreve ele, "procurei imaginar como seria recebido. No

ambiente semi-escurecido da sala encortinada, vi a figura do Sr. Chapman, mas com uma aparência algo alterada. O rosto ficara mais envelhecido, os modos totalmente diferentes. O Dr. Lang virou-se e estendeu-me a mão, dizendo:

'Como vai, jovem?' (Eu tinha, já, mais de 60 anos.) Tinha os olhos fechados, mas não tinha as características de um cego. Por causa de uma observação feita no início da conversa, percebeu que eu me interessava por artes e imediatamente começou a falar da amizade que tinha com William Morris. Mostrou-me as cortinas, agora velhas e gastas, que lhe tinham sido dadas, pessoalmente por Morris. Este contacto parecia tão real que eu tive a audácia de lhe pedir que apresentasse as minhas saudações ao célebre William Morris, por quem eu tinha uma profunda admiração. Ele assegurou-me que o faria.

A maneira de falar era, nitidamente, a de um médico vitoriano e não a do nosso jovial George Chapman. Após um bom bocado de conversa gostosa, convidou-me a deitar no diva para um exame completo. Ainda me lembro de como ele me tirou os óculos, elevando-os para examiná-los à janela e esfregando-os, depois, cuidadosamente com um lenço de seda, porém fazendo-o, sempre, com os olhos hermeticamente fechados. Em seguida resolveu fazer uma pequena operação nos meus ouvidos para diminuir a surdez.

Os seus modos modificaram-se: adotou a seriedade de um cirurgião em operação e estalava secamente os dedos, como se reclamasse algum instrumento aos seus assistentes invisíveis. Em poucos minutos, o trabalho estava terminado. Eu, naturalmente, não senti nada. Que perspetivas maravilhosas se me abriam com esta cirurgia etérea! No espaço de 20 minutos fui operado duas vezes, sem dor nenhuma, sem o choque pós-operatório, sem as despesas e a preocupação de precisar ir ao hospital e, depois, passar por uma convalescença.

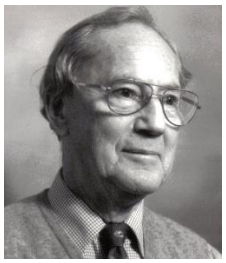
"Mais tarde visitei de novo o Dr. Lang e soube também que, tendo estado uma vez nas suas mãos, ele podia continuar a tratar à distância, visitando os seus pacientes, espiritualmente, durante a noite. Não duvido em absoluto dessa maneira de auxiliar os doentes, porém outros escritores poderão citar exemplos mais impressionantes, de melhoras ou de curas, do que eu. Por isso, quero apenas expressar a minha opinião pessoal sobre a associação Lang-Chapman, que nos apresenta um dos mais notáveis exemplos da nova técnica de terapia, através do contacto direto com um médico, do "plano superior" da consciência.

O contacto pessoal com o Dr. Lang é uma experiência notável e totalmente convincente. Em primeiro lugar, não há nada de "anti natura"

nem de misterioso nesse contacto. Imensas possibilidades surgem com o diagnóstico e o tratamento no plano etéreo, por os médicos do Além poderem utilizar de modo evidente fontes de cura sobre as quais a medicina moderna nada sabe.

CAPÍTULO VI

UM CETICISMO QUE DESAPARECE



Frank Romer

Quando Frank Romer se juntou aos homens e mulheres do Rearmamento Moral, em 1937, adquiriu uma inquebrantável fé. Porquanto, a despeito de educação cristã que recebera, era mais ou menos agnóstico. A partir daí, em relação ao enorme empreendimento do Rearmamento Moral para recristianizar o mundo através do bom exemplo, Frank Romer e a esposa Phoebe viajaram e viveram em muitos países, inclusive Peru, Brasil e, principalmente, Itália, passando por diferentes experiências. Durante todo esse tempo, não foram remunerados e não esperaram nenhuma retribuição pelo seu trabalho.

Frank Romer nasceu em Espanha, de pais ingleses. Ambos, ele e a esposa, são clientes do Dr. Lang e vivem, hoje, num bangaló elisabetano em Brent Eleigh, Sudbury, Suffolk. Eis o relato, feito por Frank Romer, sobre a primeira visita que fez à St. Brides e as que se seguiram:

A primeira vez que a minha mulher e eu fomos ver o Dr. Lang, éramos francamente céticos. E isso, apesar de uma das nossas amigas membro muito conhecido de uma família real europeia ter sido curada completamente, por ele, de um cancro avançado na garganta. Ela procurara o Dr. Lang como último recurso e sem muita esperança, justamente antes de se submeter a uma grave operação numa clínica suíça. Depois, quando se dirigiu para a sua próxima consulta marcada com o especialista suíço, este disse-lhe que não havia mais nenhum sinal de cancro e que não precisava mais operar. O cancro não voltou.

Isso passou-se cerca de quatro anos atrás. Um ano depois, em 1968, quando se descobriu que a minha mulher se tornara vítima de uma séria doença para nós desconhecida a qual diziam ser incurável, achamos que

não perderíamos nada em fazer uma visita ao Dr. Lang, continuando, ao mesmo tempo, o tratamento indicado pelos especialistas. Se não ficássemos satisfeitos, não precisaríamos voltar.

A minha mulher sofria muito, principalmente nas costelas, apesar de ter feito um enérgico tratamento e aplicação de raios nessa parte do corpo. Entrando no consultório do Dr. Lang, ficamos agradavelmente impressionados por não ter encontrado nada do cenário misterioso que antes, temíamos encontrar. Na realidade, enquanto conversávamos, parecia que a paz e a presença de Deus impregnavam fortemente o recinto. Falamos da doença e ficamos satisfeitos por o Dr. Lang ter concordado em continuar o tratamento prescrito pelos especialistas.

Após examinar a minha mulher, sem quase tocar nela, realizou uma daquelas operações psíquicas, que outros já tanto descreveram. Em seguida disse, piscando:

"Jovem, (ela já tinha mais de 50 anos), penso que posso fazê-la viver até os 90 anos."

Depois acrescentou com uma risada abafada: "Sabe, eu disse isso a uma senhora idosa que me veio consultar, e ela ficou muito zangada: 'Eu já tenho 91 anos', disse-me ela."

O Dr. Lang voltou-se para mim: "E que posso fazer pelo senhor, jovem?"

(Sou quatro anos mais velho que a minha mulher.) Durante a Segunda Guerra Mundial servi nos tanques, na África do Norte e na Itália, tendo sido ferido e em seguida aposentado com o posto de capitão. Em consequência disso, apareceu um assovio agudo, permanente, nos dois ouvidos, que ia aumentando sem parar. Diante do Dr. Lang lembrei-me só disso e contei-lhe, acrescentando que a opinião de vários especialistas era a de que não podiam fazer nada por mim.

"Bem", disse ele, "não sei se vou poder, ou não, ajudá-lo. Não prometo nada, mas farei todo o possível".

Roçou ao leve com as mãos as minhas orelhas e nuca e, depois, o rosto. Tirou-me rapidamente os óculos e examinou as minhas pálpebras semicerradas, sob a meia-luz da sala encortinada.

"O Senhor tem, aqui, um músculo preguiçoso. Vou retesá-lo."

Era verdade que, durante certo tempo, eu sentia uma leve mas incómoda irritação no olho esquerdo. Passou os dedos sobre o meu nariz, apenas tocando-o.

"O Senhor sofre bastante de catarro, não é? Talvez eu possa ajudá-lo também nisso."

Eu já me havia acostumado a esse catarro crônico que, às vezes, não me deixava dormir à noite, tanto que não me passou pela cabeça falar sobre isso. Ninguém jamais conseguira livrar-me dele.

"Pule para o divã, moço. Vamos tentar operar."

Foi uma calma e repousante sensação ficar deitado no divã do Dr. Lang, enquanto as mãos dele, ágeis e eficientes, me roçavam os olhos, nariz e orelhas, e o característico estalar dos dedos reclamava, dos ajudantes da sua invisível equipe, os instrumentos de que precisava.

"Isto é tudo, por hoje. Pode ser que as suas pálpebras estejam um tanto coladas amanhã cedo, quando acordar. Mas os olhos vão estar bem melhor."

Fomos avisados de que poderíamos sentir um grande cansaço depois do tratamento, porém ao sair do consultório não senti nada disso. Entretanto, havíamos reservado um quarto num hotel próximo, e, preciso confessar que, cerca de uma hora mais tarde, a fadiga tomou conta de mim. Depois de ter jantado cedo, caí na cama e adormeci profundamente.

Na manhã seguinte quase não consegui abrir os olhos, de tão coladas que tinha as minhas pálpebras. Mas depois de me ter lavado, enxerguei com uma clareza maravilhosa e senti-me perfeitamente bem. Não tinha o nariz mais entupido, inclusive. Não posso dizer que esteja completamente curado, porque acontece que, por vezes, a obstrução reaparece, mas não tão forte como antes. O ruído nos ouvidos ainda subsiste, mas o Dr. Lang jamais se mostrou convencido de que pudesse fazer muita coisa por mim, nesse caso.

O melhor resultado, para mim, no entanto, foi ouvir a minha mulher dizer naquela manhã: "Não tenho mais dor nas costelas."

Phoebe e eu acreditamos firmemente que estamos destinados a explorar tudo o que estiver ao nosso alcance para nos ajudar a conquistar uma boa saúde, para podermos servir a Ele tão eficientemente quanto possível. Ao mesmo tempo, estamos prontos a aceitar a Sua vontade, seja ela qual for. Embora a minha mulher não esteja completamente curada da doença, a sua saúde não deixa de melhorar, lentamente, desde a primeira consulta. Os médicos estão encantados, e acho que um pouco surpreendidos, com o progresso que tem feito. O Dr. Lang certamente contribuiu para essa progressiva melhora.

CAPÍTULO VII

TAL PAI, TAL FILHO

Certa tarde, alguns dias depois do nascimento do meu filho Michael, eu estava em transe no consultório, quando o Dr. Lang perguntou à minha mulher, Margie, se podia ver o bebé. Ela trouxe-o, o Dr. Lang tomou-o nos braços e embalou-o. Depois disse: "Já tive um filho, chamado Basil. Um dia Michael será o médium do meu filho e, assim, continuará a obra da cura." Era a primeira vez que Lang realmente falava do seu filho. A partir daí, Basil Lang passou a assistir o seu pai no tratamento dos doentes.

Durante a sua infância, Michael frequentemente conversava com o Dr. Lang sobre muitas coisas, tal como os estudos, o desporto, o desejo que tinha de se tornar médico etc. Sempre teve confiança no Dr. Lang, e eu lembro-me de como um dia, quando passávamos as férias em Bournemouth, o Michael, com oito anos de idade, ficou repentinamente doente. Pus as minhas mãos sobre a sua cabeça, e então ele disse-me: "Pára de fazer palhaçada, pai, e deixa o Dr. Lang fazer o que precisa."

A confiança que tinha em William Lang é tão grande que, quando atropelado por um carro aos 17 anos e transportado ao hospital de Chertsey, no Surrey, com uma fratura frontal no crânio, recusou-se a ficar no hospital. Fiz todo o trajeto de Aylesbury até Chertsey de táxi, para o ir buscar e levar a casa. Tratado pelo Dr. Lang, ele restabeleceu-se prontamente.

O Michael, em criança, praticou, algumas vezes, a imposição das mãos. Lembro-me de um caso, quando estive em Birmingham, num centro que eu costumava visitar, em que tratou uma doente que ficou muito melhor. Nessa época, ele não tinha mais que 12 anos. Foi nesse ambiente de cura espiritual que Michael cresceu, e nunca hesita em pedir auxílio ao Dr. Lang quando se sente com medo. A aprendizagem que fez em tempo integral começou desde a saída da Escola St. George, em Kent. Primeiro, aconselhado pelo Dr. Lang, foi a um colégio para estudar economia, a fim de se capacitar para dirigir o escritório e se ocupar de uma forma competente da correspondência e do pessoal.

Em seguida, o Dr. Lang fê-lo seguir todo um curso, por conversação, sobre anatomia, biologia, fisiologia e outros assuntos da medicina. Aconselhava-o a estudar tal ou tal livro e a aprender tudo o que pudesse sobre um órgão ou uma função que ele indicava. Depois, examinava-o sobre tais assuntos e explicava-lhe certos pontos.

Quando o Dr. Lang achava que o Michael tinha conhecimento suficiente sobre um assunto, convidava-o para assisti-lo no consultório e a tratar

dos doentes. Saindo o doente, o Dr. Lang interrogava Michael sobre o diagnóstico estabelecido e dava-lhe explicações bem detalhadas para que adquirisse completo conhecimento do paciente e do órgão em questão.

Depois, seguiu-se a lição de como entrar em contacto com o mundo do Além. Michael devia aprender a técnica, concentrando-se, sozinho, todas as tardes, depois de receber as instruções do Dr. Lang para chegar a essa concentração calma. Ele ensinou-o a dirigir os pensamentos no tratamento a distância; enfim, introduziu-o em todos os aspetos da mediunidade e explicou-lhe tudo o que lhe foi possível. Michael, hoje, é capaz de trabalhar sozinho com os pacientes e consegue muito bons resultados. Lembro-me, em particular, de um caso.

Um religioso de Gloucestershire e a mulher são nossos pacientes. Os dois reagiram bem ao tratamento, embora o Reverendo Hugh McCalman tenha 83 anos. A esposa, Dorothy, que nos escreveu de casa em Bredon, Tewkesbury, rende esta homenagem ao Michael: "O seu filho ajudou-me muito. Diminuiu a tensão na minha cabeça e reduziu completamente a deformidade que existia no topo da espinha dorsal, onde parece estar a origem do mal. Desde que tratou de mim, não tenho mais aquelas fortes dores de cabeça que tinha, e o inchaço ao longo das costas diminuiu muito. Sou-lhe profundamente reconhecida. Ele tem, certamente, as mãos que curam, e eu estou impaciente à espera da minha próxima consulta."

Atualmente, o Michael não trabalha em estado de transe, o que me agrada, pois, sendo seu pai, eu lhe recusaria o transe profundo. Sei, por experiência própria, que, se um paciente se conduz de maneira irresponsável enquanto o médium está em transe, isto pode provocar um choque terrível no corpo do médium.

A Sra. McCalman acrescenta na sua carta: "Faltam-me palavras para exprimir o que o meu marido deve ao Dr. Lang. O seu estado geral melhorou de tal forma que ele está irreconhecível."

O Reverendo McCalman observa: "Foi maravilhoso sentir-me a melhorar de uma forma constante, durante os últimos dez anos, graças ao senhor e ao Dr. Lang, pelo tratamento de contacto e à distância. Não acreditavam que eu viveria mais que 75 anos!"

Voltando ao Michael, ele conheceu a fama desde muito jovem e já está acostumado a isso. Ofereceu um ramo de flores a Margaret Rutherford, oradora convidada num jantar dançante do Psychic News, em maio de 1964.

Na ocasião ele tinha 11 anos. Estava, naturalmente, muito emocionado, e numa das paredes de St. Brides pode-se ver uma fotografia desse acontecimento. Desde essa época, o Psychic News acompanha com interesse os seus progressos. Em 1971, o jornal publicou os comentários que ele fez sobre o Espiritualismo em geral, depois de ter assistido, junto com a namorada, Michelle, a várias reuniões espiritualistas e de aí ter recebido pretensas mensagens dos médiuns.

Numa dessas ocasiões, disseram ao Michelle que a sua avó encontrara o seu pai no Além. "Mas eu almocei com ela esta tarde!", respondeu Michelle. Disseram também ao Michael de dois dos meus guias espirituais, diziam estar ali presentes. No dia seguinte, Michael informou-se com eles, e disseram-lhe que não tinham estado naquela reunião. Para reagir aos logros do Psychic News, Michael disse que, se os médiuns tivessem os olhos vendados, eles contariam menos com colaborações pessoais e mais com a clarividência.

O mesmo exemplar do Psychic News publicou uma carta que recebi de um israelita, a requerer o auxílio do Dr. Lang. Ele escreveu: "Infelizmente não aconteceu nada por enquanto. Imagino que isso se deu por eu não ter indicado o meu endereço exato, porém a minha rua não tem numeração. Moro na segunda casa à esquerda." Depois de ter descrito a casa, acrescentou: "Para reconhecer melhor a minha casa, colocarei uma velha cadeira no telhado."

É engraçado, sim, mas já estou acostumado a pedidos estranhos desses. Em 1966, uma mulher escreveu a pedir ao Dr. Lang que a ajudasse a ganhar pelo menos 10.000 libras numa bolada de apostas em jogos de futebol. Se ela ganhasse essa soma, teria possibilidades de comprar uma casa e um carro novo para o filho, o que, em consequência, iria melhorar o seu estado de nervos! Prometia mandar-me 100 libras pelo meu auxílio.

Em 1967, uma senhora idosa e a filha apareceram à porta da St. Brides, sem hora marcada. A mais velha alegou que tinha de falar com o Dr. Lang, pois aquele era um dia todo especial. Fizemos-lhe uma exceção. Depois do tratamento, a filha revelou-nos que a velha senhora completava 100 anos naquele dia. Ficou tão contente com o tratamento do Dr. Lang, que resolveu ir comprar uma minissaia.

Em 1968, outra carta foi ainda mais ambiciosa que aquela da aposta em futebol. Vinha de um americano que necessitava urgentemente de 50.000 dólares para salvar os negócios. Escrevia ele: "Reconheço o que é pedir uma tão grande soma e em tão curto tempo, mas sei também que o poder do Espírito é ilimitado." Verdade é que do triste estado comercial

desse homem não era para rir, mas achei graça ao pensar em como acreditava ser o Dr. Lang capaz de materializar tal soma. Ah, sim, acrescentou ele esta observação no final da carta: "Um donativo seguirá na minha próxima carta."

Mas o pedido mais insólito foi certamente um, vindo também da América, de um pai, cujo filho fora curado pelo Dr. Lang à distância. Escrevendo de Nova Iorque, explicava que antes pedira ao Dr. Lang para curar as fissuras da bexiga do filho. Agora queria que as fissuras reaparecessem. "Como lhe falei na minha carta", dizia ele, "eu não tinha pressa que ele sarasse (pode ser em seis meses, disse eu) pois poderíamos ter um problema com o seu alistamento militar." Aparentemente, quando o moço foi reexaminado para o serviço militar, os buracos na bexiga estavam fechados e curados. O reaparecimento das perfurações permitiria ao rapaz de se esquivar ao chamado. O pai dizia esperar que o pedido "não parecesse demasiado injusto ou que o Dr. Lang o achasse "desagradável ou impossível".

Devo dizer, contra a minha vontade, que esse pedido foi jogado no lixo. Mas quem já não ouviu falar de uma cura espiritual ser demasiado bem-sucedida!

Sari Biro

CAPÍTULO VIII

A CARREIRA DE UMA CONCERTISTA É SALVA

Quando pedi à célebre concertista Sra. Sari Biro que me contasse, por escrito, sobre a visita que fez à St. Brides, respondeu-me:

Fazer música é contar histórias pelo encadeamento das notas, e como, desde a minha infância sou pianista-concertista, ensinaram-me a falar com os dedos. É a primeira vez que devo recorrer ao uso de palavras para expressar os meus sentimentos e parece-me que, quanto mais intensamente sentimos uma coisa, mais difícil é expressá-la por palavras.

Porém, a gratidão que sinto pelo senhor e pelo Dr. Lang é tão transbordante que sou feliz e considero-me privilegiada em poder expressar a minha própria experiência, esperando juntar assim mais um

testemunho aos dos inúmeros pacientes que tiveram o privilégio de presenciar as maravilhosas curas que se produziram em Aylesbury.

A Sra. Biro tem uma vida muito cheia. Os seus concertos exigem muitas viagens e, além disso, ela ensina. Mas quando entrou em contacto comigo, a doença havia terminado prematuramente a sua carreira. Veio ver o Dr Lang em agosto de 1969, depois de ter lido um livro sobre ele que achara numa biblioteca. Desde então, comprou pelo menos 20 exemplares, presenteando-os aos amigos. Eis a sua história, segundo as suas próprias palavras:

Quando conheci o Dr. Lang, não estava nada preparada para essa profunda experiência. Eu tinha contraído uma grave infeção que me enfraquecera e tornara-me incapaz de continuar a minha carreira de concertista. Após uma série de diagnósticos errados, durante os quais piorava cada vez mais o meu estado, prescreveram-me um medicamento relativamente novo, que tinha por base a penicilina.

Por causa de uma alergia a essa droga e outros medicamentos administrados em seguida para neutralizar os seus efeitos, fiquei ainda mais doente. Se ao menos eu tivesse ouvido falar do Dr. Lang antes! Mas na ocasião em que me dirigi a ele, eu já estava tão fraca que quase não consegui descer do comboio em Aylesbury, após uma curta e agradável viagem desde a estação Marylebone de Londres.

Sentei-me na pequena sala de espera, repleta de gente de todos os lugares, sem saber o que ia acontecer. Finalmente chamaram pelo meu nome. Ao entrar na escura sala, deparei-me com um velho senhor sentado bem no fundo. Tinha os olhos hermeticamente fechados. Apesar disso, estendeu a mão e cumprimentou-me dizendo: "Bom dia, jovem. Como a senhora é pequena!" Em seguida, chegando mais perto, disse uma coisa que me espantou ainda mais: "A senhora usa bonitas cores." Indicando uma pequena cadeira, disse: "Sente-se, por favor." As mãos dele movimentaram-se a partir do alto da minha cabeça, roçando-me apenas, e ele disse do que eu sofria.

Em seguida fez um diagnóstico bastante muito preciso do meu estado e disse-me: "Não se preocupe, nós vamos tirá-la deste estado." Pediu-me para me deitar sobre a mesa de exames, e o que me espantou ainda mais por ela ser alta demais para mim, abaixou-se e puxou um pequeno banquinho de baixo da mesa e ajudou-me a subir, durante cujo tempo manteve as pálpebras cerradas. A maneira de se posicionar ao lado da mesa, de cabeça erguida, em extrema concentração, ficará para sempre gravada na minha memória.

Ele disse-me que tem auxiliares invisíveis que sabem, pelo estalar dos seus dedos, qual o instrumento de que precisa. Disse-me para relaxar, e que eu não sentiria nada enquanto me operava. Tive a impressão de que me estivesse a aplicar injeções. Não senti dor nem desconforto, qualquer que fosse. Pelo contrário, senti-me invadida por uma paz quase indizível e completo relaxamento. Uma leveza, como se estivesse a pairar. Não olhei as horas, mas acho que o tratamento levou de dez a quinze minutos. Quando terminou, o Dr. Lang disse-me: "Pode descer. A senhora vai ficar muito bem."

Pouco recordo da minha viagem de volta a Londres; eu estava ainda inteiramente mergulhada nessa experiência única. Mas lembro-me perfeitamente de que, ao chegar ao hotel, não acendi as luzes e sentei-me, no quarto escuro, a tentar pôr em ordem as minhas ideias e analisar as minhas impressões. Após enfrentar os factos, com inflexibilidade, durante toda a minha vida, atitude essencial à memorização e desempenho de centenas de composições musicais do meu repertório, precisava compreender perfeita e claramente como o meu estado físico podia ter sido alterado por essa experiência.

Questionava-me: 'Será que de facto estou melhor?' De um certo modo estou, mas mudanças sérias não apareceram de imediato. Deitei-me cedo, como o Dr. Lang aconselhara e, pela primeira vez, depois de meses, dormi tranquilamente a noite toda.

A mudança milagrosa surgiu na manhã seguinte. Quando acordei, senti-me tão bem como antes da minha doença prolongada. Alguns dias mais tarde tive a honra de encontrar o Dr. Lang pela segunda vez. Tive a impressão de encontrar um velho amigo. Ele recebeu-me, exclamando: "Viva, jovem. Puxa, a senhora não cresceu!"

Quando examino novamente os factos, não posso duvidar de haver estado com o verdadeiro Dr. Lang, encarnado no seu notável médium, o Sr. George Chapman. Ele irradiava competência e perícia profissional. Falou com extrema polidez, num inglês cultíssimo, sempre como um perfeito profissional. Tive a certeza de que o seu desejo de me ajudar era tão ardente quanto o meu de sarar. Também tive a impressão exata, de que o Sr. Chapman, o seu dedicado médium, tinha uma única missão auxiliar a humanidade porque era evidente que os honorários de cada visita estavam abaixo do que um médico americano teria cobrado para extrair um espinho de um dedo.

Quando saí do consultório pela segunda vez, perguntei ao Dr. Lang como poderia expressar o meu agradecimento e a minha admiração pelo milagre que se produziu, e ele disse-me: "A minha recompensa é saber

que a sua saúde foi restabelecida. Agora vá e faça os seus concertos e, quando tiver contrato na Europa, venha ver-me." Após um momento de silêncio, ajuntou:

"A senhora sabe, o meu filho Basil era um grande aficionado da música. Se a senhora me informasse onde vai tocar, enviaria lá o Basil, para a ajudar durante a apresentação."

Quando eu disse o quanto sentia por viver tão longe, ele respondeu:

"Oh, se precisar de mim, basta enviar-me um pensamento. Isso funciona como um telefone."

Naquele momento, a Sra. Biro não imaginou quão logo se lembraria dessas palavras e agiria de acordo com elas. Entretanto, voltou para casa em Portola Drive, São Francisco, Califórnia, e, em resultado do tratamento do Dr. Lang, reassumiu a sua carreira de concertista. Seu testemunho continua:

Quando a minha filha estava à espera do seu primeiro filho, parecia correr tudo normalmente. Porém algumas horas após o nascimento de uma linda garotinha, produziu-se uma chocante mudança. Surgiram complicações inesperadas e o estado da minha filha foi considerado alarmante. Precipitei-me para a cabina telefónica do hospital para mandar um telegrama ao Sr. Chapman, a suplicar-lhe que transmitisse uma mensagem ao Dr. Lang para que viesse ajudar a minha filha.

Na hora aproximadamente em que o meu telegrama chegou às mãos do Sr. Chapman e do Dr. Lang, produziu-se uma patente e marcada melhora. Cada hora que corria, encorajava-nos a pensar que o perigo havia passado. Mas a nossa provação ainda não terminara. Quando foi declarado que a minha filha estava fora de perigo, o seu bebé de dois dias sofreu gravíssimas complicações. O diagnóstico foi algo que nos deixou completamente perplexos. Foi preciso tirar totalmente o sangue do bebé e, mesmo assim, não deram certeza se ele seria salvo.

Pela segunda vez em dois dias, telegrafei a Aylesbury, explicando que desta vez era a vida da criança que estava em perigo. Eu contava as horas e os minutos. De novo, no mesmo instante, sentimos um imenso alívio. A troca do sangue deu certo logo à primeira vez e, desde então, o bebé tornou-se forte e saudável. Tal é a força da cura à distância.

Cada vez que olho para minha netinha não deixo de sentir uma imensa gratidão pelos dois homens maravilhosos... o Dr. Lang, médico do Além e o Sr. George Chapman, grande e bondoso homem, cuja missão é fazer todo o possível para que o Dr. Lang estenda seu divino dom de cura a todos os que dele necessitam.

Helyn Dougherty

CAPÍTULO IX

NOVAMENTE COM PLENA SAÚDE

Shamas Dougherty, vítima de um acidente com um ano de idade, sofria de lesão cerebral. Isto há 21 anos. Em consequência daquele acidente, não andou até à idade de quase três anos, não falou até aos seis anos e mesmo agora não possui uma fala normal, se bem que os que o cercam podem compreender o que ele diz.

A mãe, Helyn L. Dougherty, explicou o caso, quando escreveu da América a solicitar um tratamento à distância. Ela disse-me também que os professores de Shamas, todos especializados para tais problemas, constataram o mesmo: Ele possuía uma memória fantástica, porém jamais aprendia a raciocinar. Abandonaram as tentativas de lhe ensinar aritmética além da fase 2 + 2 = 4, cuja operação é suficientemente simples de ser lembrada.

Fui informado do estado de Shamas em meados de 1969, quando a Sra. Dougherty solicitou tratamento a distância ao Dr. Lang. Estou a citar este caso não porque represente uma cura miraculosa, mas pelo facto de que, logo após ser solicitada a ajuda do Dr. Lang, verificou-se uma significante mudança, cuja notícia foi espalhada e observada por muita gente. Este caso prova, pois, tal como os da filha e da neta da Sra. Sari Biro, que, quando os pacientes não têm possibilidade de consultar o Dr. Lang no consultório ou quando se trata de uma emergência, a distância não apresenta obstáculo ao efetivo tratamento espiritual.

A sua mãe escreveu: "Foi durante o outono de 1969, apenas alguns meses após eu lhe ter escrito pela primeira vez, que notei uma certa mudança no estado de Shamas. Ele disse que ia vender bilhetes para um grupo cívico (o que ele já tinha feito outras vezes), 'pois não tenho outra coisa a fazer'. Tratava-se, já, de um raciocínio, ainda que num nível elementar, que, para a maioria de nós, passou despercebido. Não pensei mais nisso e não vi ligação com o seu tratamento. Shamas abandonou a escola na ocasião em que lhe escrevi pela primeira vez.

Cerca de oito semanas após iniciar-se o tratamento à distância, Shamas passou uma noite inteira, no seu quarto, a encher quatro ou cinco folhas grandes de papel de cartas com problemas de aritmética. Constituíam-se de simples adições e subtrações que jamais houvera aprendido - e algumas dessas adições compunham-se de três números, cada um com três algarismos. Isso representava muito mais do que tudo o que sempre tentara aprender cerca de 12 anos antes, na escola. Julguei que ele tivesse copiado tudo de um livro. Sentiu-se muito orgulhoso do seu trabalho e pediu-me para mandar as folhas para o seu irmão maior, que ele adora e que, na ocasião, se encontrava nas Ilhas Samoa.

Isso continuou durante três noites seguidas. À indagação da nossa parte, ele invariavelmente repetia que "havia feito" aquele trabalho de aritmética. Recorreu a um manual para crianças que ele possui, mas que não traz as soluções dos problemas.

Helyn Dougherty informou-me também que, além dessa súbita possibilidade de raciocínio, o seu filho amadurecera de tal maneira que lhe era difícil descrever. Tinha pensado que, em parte, a idade fosse a causa, mas ao mesmo tempo não tinha a impressão de que, em casos comparados com o do seu filho, a idade tivesse influência sobre a maturidade. Depois, no final do ano de 1971, os habitantes de Bristol, Tennessee, onde os Dougherty vivem, começaram a fazer comentários sobre o estado de Shamas.

"Invariavelmente", escreve a Sra. Dougherty, "eram pessoas que conheciam Shamas muito mais do que a mim, não amigos pessoais mas pessoas em constante contacto com ele, pois ele é empregado da ACM local. Em três ocasiões diferentes, perguntaram-me se eu não notara nele uma grande mudança. Eu respondia que não para sondar as opiniões deles. Cada um descrevia o desembaraço dele, e o quanto se mostrava agora capaz de se expressar de maneira interessante e precisa, enquanto que antes só sabia arreliar ou dizer, como criança, sobre o que ouvia dos outros.

Agora compreende todas as complicações do futebol, do beisebol ou basquetebol (o que está acima das minhas possibilidades), a importância das equipes, as estatísticas dos jogadores, as mudanças nas regras profissionais, as previsões etc. Pode-se atribuir uma parte disso à memória. Toda essa gente dizia, porém, que percebia como ele raciocinava e sabia expressar as ideias, e que, agora, elas podiam raciocinar com ele. Antes, isto tinha-se revelado impossível."

Tudo isso eu vejo; as pessoas daqui também são testemunhas; mas o caso não é muito espetacular à medida que um leitor desconhecido fique informado sobre ele.

Helyn Dougherty interessa-se enormemente por todos os aspetos de pesquisas psíquicas, e foi isso que a levou, no início, a me escrever. Como muitas outras pessoas com interesses idênticos, o Dr. Laidlaw por exemplo, do qual trato no capítulo V, ela pediu para falar com o Dr. Lang a fim de discutir sobre o seu trabalho em geral, e não para receber tratamento. A Sra. Dougherty organizou uma viagem à Inglaterra e, enquanto aqui se encontrava, conseguiu marcar um encontro e visitou St. Brides no dia 13 de outubro de 1970. Apesar de aceitar o retorno do Dr. Lang, enquanto espírito, ela confessa ter chegado a Aylesbury num estado de espírito cético e nada confiante. Eis o que aconteceu:

Há muito, pelo que me lembro, tive uma perna mais curta que a outra. Há dez anos atrás, fizeram-me usar um calço ortopédico com um pouco menos de um centímetro de altura em todos os meus sapatos, sem o que, dentro de uma hora começava a dor nas costas. Mas o uso desse calço não trouxe melhorias o meu estado, conforme pude constatar durante o verão, quando, por vezes, ao andar descalça, em casa ou na praia, a dor voltava.

Dois meses antes da minha visita ao Dr. Lang, tive um acidente de carro que agravou o meu estado. Antes de vir à Inglaterra, passei por um tratamento ortopédico diário, para remediar o golpe de chicote que o meu pescoço sofrera, mas continuava a sofrer e as minhas costas não me deixavam dormir.

Cheguei a Aylesbury sem referir nada disso, pois de resto sempre gozei de boa saúde. Até pedi para alguém me emprestar uns sapatos que não tivessem aquele calço, eliminando, assim, a possibilidade de chamar a atenção para a minha deformidade.

O Dr. Lang fez-me um exame completo, como eu pedi. Eu disse que gozava de perfeita saúde, mas que talvez alguma coisa não estivesse bem sem que eu soubesse. Imediatamente disse-me que eu tinha uma perna mais curta que a outra, e que precisaria passar por três operações psíquicas para corrigir esse problema. Não tocou no meu corpo nem uma vez, deixando as pontas dos dedos a alguns centímetros de distância. Como eu vestia um grosso conjunto de lã e por baixo uma blusa de tricô, era-lhe impossível enxergar a forma de "S" da minha espinha, que, não obstante, ele descreveu detalhadamente.

Disse que a primeira operação consistia em abrir o coração e aumentar a circulação do sangue na região pélvica, onde tinha origem a dor. Em

seguida, pediu-me para me sentar à sua frente e operou-me as costas. Tirei a minha jaqueta quente e, ao continuar com a grossa blusa de lã, senti um calor intenso e uma sensação de picadas de agulhas enquanto ele operava, separadamente, as três partes da espinha. Nada de desconfortável, e que se parecesse em aspeto algum com algo sentido antes ou depois. Sei que os incrédulos atribuirão o facto a causas psicológicas com a explicação de que "tudo se passa na mente" porém, passei 15 anos a dedicar-me a toda espécie de pesquisas psíquicas e considero-me equilibrada quanto a isso. Isso não estava a passar-se na minha imaginação.

O Dr. Lang assegurou-me que a desigualdade das pernas fora corrigida naquele momento, mas que a escoliose desapareceria num período indefinido, durante o qual eu deveria tomar diariamente, durante 15 minutos, um banho de água quente, com óleo. Não é isso que vai curá-la, disse ele, mas ajuda os músculos e os tendões a saírem dessa posição em que estão há tantos anos, pois, para se corrigir a espinha, isso é necessário.

Eu viajara à Inglaterra com um casal e todos tínhamos entradas para um espetáculo, em Londres, naquela noite. Como aquelas pessoas não entenderam nada do meu tratamento psíquico, não pude abster-me do divertimento planeado, apesar de o Dr. Lang me ter aconselhado a descansar. Todavia, tomei o meu banho, depois fui ao teatro e não comi nada até o dia seguinte.

Chegamos ao teatro às 20 horas e, passados apenas 10 minutos, senti o começo de uma dor intensa ao longo da espinha. Foi difícil permanecer sentada até o fim do espetáculo, sendo que a dor durou de duas a três horas. A dor nunca mais voltou, e não fui mais incomodada por ela. Foi como se tivesse 'passado' o efeito de algum anestésico ou será que foi o reajustamento da espinha?

Desde 13 de outubro de 1970 até hoje (2 de maio de 1972 - data em que a Sra. Dougherty redigiu o seu testemunho para o presente livro) não usei nunca mais os calços no sapato. Não tive nunca mais dor nas costas e não senti mais o incómodo do golpe de chicote no pescoço. Gozo de perfeita saúde, sem qualquer problema.

Vou repetir a todos os céticos e trocistas: se vocês fazem questão de afirmar que esta cura é devida à minha imaginação, que diferença faz? Eu não estava normal, e agora sou. Sofria, e agora não sofro mais. Portanto, pouco vale vocês rejeitarem a minha explicação. Eu sei que o Dr. Lang me curou. Sou-lhe eternamente grata.

Se acontecer um dos meus seis filhos sofrer a mais leve doença, enviá-lo-ei imediatamente ao George Chapman. Não tenho fé nas drogas, nos remédios químicos que mascaram os sintomas, quando uma cura completa como esta é possível graças ao George Chapman e ao Dr. Lang.

Walter Cassel

CAPÍTULO X

NOS BASTIDORES, O DRAMA DA CURA

Os milhares de pessoas que enchiam o célebre Teatro Drury Lane de Londres para ver A Grande Valsa podiam perceber o enorme esforço exigido de Walter Cassel, o cantor de ópera e ator de renome internacional. Para interpretar o principal papel, o de Johan Strauss, tinha de aparecer oito vezes por semana no palco, e isto, semana após semana. Mas o que o público não sabia é que William Lang ajudava-o com o seu tratamento a suportar a tensão causada por essas representações.

Walter Cassel, o principal barítono do Metropolitan Opera de também Nova Iorque e a sua maravilhosa esposa, Gail Manners notável atriz e cantora vieram a Londres para o espetáculo consagrado à vida do célebre compositor. Inevitavelmente, muitos amigos apareceram para visitá-los durante o período da apresentação. Entre eles havia uma médica de Nova Iorque especializada em ginecologia que visitara Londres em julho de 1971.

Depois de ter assistido ao Walter Cassel em Drury Lane, falou-lhe dos seus projetos durante a estadia em Londres. Tinha lido um livro, sobre o Dr. Lang, que a impressionara muito. Então, ela contou ao cantor que havia planeado consultar esse médico espiritual com respeito a problemas dos olhos. Igualmente impressionado, pelo facto de uma pessoa ligada à medicina ir consultar um médium, Cassel comprou o livro. Depois comprou outros para dar aos amigos. Também me escreveu, a pedir-me para marcar uma consulta para ele e a mulher.

Fiquei feliz em poder marcar para o dia 8 de novembro de 1971. Eis o que aconteceu, segundo as próprias palavras de Walter Cassel:

Depois de ter lido o livro, fiquei muito bem preparado para tudo o que se passou desde o meu primeiro encontro com William Lang. Fui conduzido ao seu consultório e ele recebeu-me com extrema amabilidade. Senti-me completamente tranquilo e muito interessado. Depois de me ter acomodado, o Dr. Lang ocupou-se dos meus problemas.

Alguns anos antes, contusões ao redor do meu olho direito tinham-me perturbado a visão. Servia-me de óculos para ler, mas lia principalmente com o olho esquerdo, que, por conseguinte, cansava cada vez mais. Eu tinha também uma hérnia na virilha esquerda, que fora operada, porém a sutura alargara em consequência do esforço exagerado que fiz ao cantar a minha parte no Navio Fantasma, de Wagner: O Dr. Lang procedeu ao tratamento dessas duas complicações.

Mandou-me deitar no divã, depois chamou os ajudantes espirituais e começou a operar-me o corpo etérico. Era justamente isso o que eu esperava após ter lido o livro. Durante a operação espiritual, senti-me tão relaxado que quase adormeci. Senti uma grande paz, como após uma maravilhosa meditação. Percebi que estava a ser tratado e que o meu estado melhorava.

A minha mulher, Gail, teve as mesmas impressões quando se encontrou com o Dr. Lang; e a história dela parece-se muito com a minha, se levarmos em consideração a diferença dos nossos problemas.

À medida que continuavam as apresentações de A Grande Valsa, achei que estava bem melhor. Após um mês e meio, a hérnia havia diminuído bastante, e, se a minha vista não estava melhor, ao menos deixara de piorar. O Dr. Lang aconselhou-me a usar sempre um suporte, no palco ou quando ia fazer algum esforço físico. Contudo, por essa altura eu já podia, por vezes, dar umas voltas perto de casa, sem usar o suporte. Isso estimulava-me e eu ficava muito satisfeito. É claro que foi mantido o tratamento à distância.

A segunda visita que fizemos à St. Brides deu-se no dia 18 de janeiro de 1972. Dessa vez tivemos a honra de conhecer George Chapman, e antes de ele entrar em transe fomos os primeiros clientes naquele dia. O Sr. Chapman pareceu-nos ser um homem cordial, de voz suave, completamente diferente da de William Lang, que fala por seu intermédio quando está em transe. Há um contraste impressionante entre o aspeto, a voz e as atitudes dessas duas personalidades.

Em seguida, tivemos o grande privilégio de assistir ao Sr. Chapman a entrar em transe privilégio do qual a maioria dos visitantes de St. Brides

não goza. Depois de uma conversa amistosa com William Lang, deitei-me no divã para a segunda operação psíquica. Os meus olhos foram tratados de novo, como antes, e, mais uma vez, foi tão suavizante e tranquilo, que me foi difícil permanecer desperto. Os meus olhos pareciam muito serenos e descansados. O Dr. Lang examinou a hérnia, e achou que havia melhorado bastante, assim como os olhos. Desta vez, ele precisou tratar também a minha circulação. Em seguida, procurou aumentar a minha energia espiritual, como o fez da primeira vez, tendo em vista minhas representações operísticas. Eu não acreditava que fosse sentir alguma melhora como a que senti no final do tratamento.

Desde aquele dia percebi um notável aumento de energia enquanto continuava a representar A Grande Valsa. Fiquei, todas as noites, em forma, e a minha hérnia parecia regredir sempre mais.

A nossa terceira visita a St. Brides foi no dia 14 de março de 1972, mês em que terminavam as representações de A Grande Valsa. Mais uma vez fomos levados, de carro, a Aylesbury, pelo meu amigo e figurinista do Teatro de Drury Lane, Roy Stow, que na época se interessou muito pelo trabalho do Dr. Lang. Mais uma vez experimentamos uma paz, uma calma cheia de confiança, difícil de expressar.

Se não podemos exibir provas de uma cura total, faço questão de dizer que fomos muitíssimo beneficiados com o trabalho do Dr. Lang. Essas melhoras surgiram de modo natural e gastamos o mínimo, se compararmos com os preços dos médicos comuns. A minha hérnia está praticamente curada e tenho a certeza de que o estará em bem pouco tempo. Tenho igualmente a certeza de que a minha vista não piorou desde que fui tratado. Expresso os meus agradecimentos, tanto pelo menor como pelo maior progresso e sinto-me muitíssimo bem.

Durante a permanência dos Cassel em Londres, a mãe de Gail, Faith, que os acompanhou, ficou muito doente. Eles pediram imediatamente o tratamento a distância enquanto ela era atendida por um bom médico inglês. Todavia, mal teve tempo de examiná-la, quando apresentou sinais de icterícia. Parece que ela já havia feito muitos exames médicos em Nova Iorque antes de vir a Inglaterra em dezembro, porém o diagnóstico não estava certo. O médico inglês apressou-se a interná-la no Hospital Florence Nightingale, onde ela teve de se sujeitar a uma difícil operação da vesícula biliar. Naturalmente o Dr. Lang continuou a tratá-la à distância.

Faith restabeleceu-se de maneira notável, após quase ter morrido, e, com 77 anos, livrou-se das dores e encheu-se de vitalidade. Infelizmente ela sentiu-se bem demais. Apenas uma semana depois de ter saído do

hospital, raspou e encerou o chão da cozinha do apartamento dos Cassel, enquanto eles estavam fora. No dia seguinte, teve um colapso na própria cozinha e foi encontrada inerte, de olhos arregalados e fixos.

Foi transportada às pressas para o Hospital Middlesex, onde antigamente trabalhara o Dr. Lang, e internada no serviço de cardiologia. Mais uma vez fui avisado e pediram-me que arranjasse, com o Dr. Lang, o tratamento à distância. Isso foi feito imediatamente. A paciente foi submetida a todos os testes imagináveis, mas nada de anormal foi encontrado. Contudo, o repouso fez-lhe bem e ajudou-a a aumentar o peso. Ao ser avisada que teria alta do hospital, ela andava a passear pela sala, a encorajar os mais gravemente enfermos a ter esperança e fé na cura.

Frequentemente acontece que, no início, a cura de uma pessoa atrai curiosos, até que os indivíduos alheios ao caso recebam, direta ou indiretamente, o benefício do tratamento dado.

Evelyn Barbirolli

CAPÍTULO XI

HOJE ELA SERRA ÁRVORES!

Lady Diana Renwick, ao folhear livros na biblioteca do seu lugarejo, encontrou, no meio deles, um que fala sobre o meu trabalho e sobre a volta espiritual de William Lang. Intrigada, levou-o consigo e mais tarde, em sua casa em Walton, Morpeth, em Northumberland, sentou-se a ler a história. Quando terminou a leitura, estava convencida de ter encontrado a maneira de tratar a dolorosa e paralisante artrite que a atormentava há cinco anos.

Todavia, ela não me escreveu logo. Havia encontrado o livro na biblioteca em março de 1970, mas eu não tive notícias da Sra. Renwick antes de agosto daquele mesmo ano. Marquei-lhe a consulta para o dia 4 de novembro. Ao me escrever sobre essa visita, a Sra. Renwick dizia-me, na carta, que a artrite das suas mãos havia piorado e que as dores eram constantes. Ela havia tentado diversos tratamentos, inclusive a

acupuntura, mas sem resultados. Durante o verão de 1970, as suas mãos fizeram-na sofrer tanto, a ponto de ela fazer apenas o estritamente necessário, como se vestir, mas mesmo para isso tinha dificuldade. Estava desesperada, e assim ficou até saber do Dr. Lang.

Quando a Sra. Renwick recebeu o cartão com a consulta marcada, contou somente ao marido e a uma amiga que se interessava pelo assunto. Aquando do seu encontro com o Dr. Lang, mostrou-se muito preocupada com a rigidez e o inchaço dos joelhos, mas disse-lhe que a artrite das mãos era mais dolorosa.

A Sra. Renwick conta que o Dr. Lang lhe operou o coração na primeira consulta, para melhorar a circulação. Deu, também, diversas injeções nas mãos, joelhos e ombros e assegurou à sua paciente que ia tratá-la à distância, até à próxima consulta, quatro meses depois.

Desde então, a Sr.ª Renwick notou uma constante melhoria no seu estado. Quando lhe escrevi, em Maio de 1972, para pedir licença para citar o seu caso neste livro, disse-me que, há mais de um ano, podia utilizar as mãos para realizar muitos trabalhos, «tal como cuidar do jardim e serrar árvores», e acrescentou: «Enfim, posso dizer que estou curada. Admito que, de vez em quando, ainda tenho contrações de dor, mas depois dessa agonia de andar tanto tempo estropiada, deixei de ligar a isso.»

O que a intrigava era que, em cada consulta, o Dr. Lang dedicava uma atenção especial aos seus ombros. Com 18 anos, tinha sido ferida no ombro e, desde então, sofria de dores. Mas não mencionara isso ao Dr. Lang: «Francamente», comenta a Sr.ª Renwick, «parece evidente que o Dr. Lang descobre tudo o que necessita de ser tratado.»

A Sr.ª Barbirolli chegou pela primeira vez a St. Brides, em Aylesbury, trazendo de carro dois amigos americanos para uma consulta com o Dr. Lang. A viúva de Sir John Barbirolli, o maestro mundialmente conhecido, escreveu mais tarde que ficara «tão impressionada pela profunda sinceridade do Sr. Chapman, do seu filho Michael e da equipa; pela atmosfera de St. Brides e pelas descrições que os meus amigos fizeram das suas consultas com o Dr. Lang», que resolveu marcar também uma consulta para si. Depois dessa visita, em Abril de 1972, a Sr.ª Evelyn Barbirolli escreveu estas palavras, que contribuíram para o presente livro:

Mesmo não sendo cética ou incrédula em relação a assuntos que não posso compreender ou explicar, nunca tive contacto com médiuns,

médicos espíritas ou outras pessoas ligadas a fenómenos psíquicos. Também nunca tive o desejo de entrar em contacto com o «outro mundo» para me comunicar com o meu marido e outras pessoas queridas que já faleceram.

Encontrei-me com o Sr. Chapman e o Dr. Lang por causa de complicações menores, principalmente reumáticas. Tive uma conversa extremamente agradável com o Sr. Chapman.

O Sr. Chapman, então, disse-me, como se fosse a coisa mais comum: «Pois bem, acho que seria melhor eu entrar em transe e começar a trabalhar.» Não querendo ser indiscreta, não olhei para ele, mas ouvi algumas respirações profundas e, poucos segundos mais tarde, cumprimentou-me calorosamente e com muita gentileza — obviamente, já era o Dr. Lang. Parecia totalmente outro homem: a aparência, a voz, os modos e até a idade haviam mudado. Disse-me que eu viveria muito tempo, falou dos meus pequenos males, diagnosticou as suas causas e disse que faria o possível para os atenuar.

Deitei-me sobre a marquesa e as suas mãos roçaram levemente as minhas costas, coxas, pernas e pescoço. Às vezes estalava fortemente os dedos, como se pedisse algum instrumento. Sentia-me agradavelmente relaxada e à vontade. Tivemos novamente uma conversa sobre a minha saúde e também sobre o meu marido. Contou-me que encontrara um amigo dele, que estivera com ele e o vira bem, feliz e a trabalhar na sua nova vida. Esse amigo era Gerald Campbell, diplomata canadiano muito conhecido em Nova Iorque na década de 30, mas que nós perdêramos de vista depois dessa época.

Naturalmente, apenas dez dias depois, é um pouco cedo para saber se o tratamento do Dr. Lang é eficaz, mas continuo com a forte impressão de que há, nisso, qualquer coisa de inexplicável, contudo essencialmente autêntico, altruísta e muito benéfico.

Joyce Bishop

CAPÍTULO XII

O BIG BEN JÁ NÃO É UMA NÓDOA

Para a Sr.ª Joyce Bishop, a prova de que o tratamento do Dr. Lang melhorara a sua vista surgiu quando ia de carro em direção a Westminster e viu o Big Ben completamente nítido, incluindo os minutos no mostrador do célebre relógio da torre.

A Sr.ª Joyce Bishop, antiga diretora e atual preceptora da Faculdade de Educação do King's College, da Universidade de Londres, leva uma vida muito ativa. Tem participado em várias reuniões e comissões ligadas à educação. De 1963 a 1969 foi também membro de uma comissão organizada pelo Ministro do Interior e destinada a pesquisas junto da televisão; delegada da Grã-Bretanha na Conferência Internacional sobre Educação da UNESCO, em Genebra; delegada da Grã-Bretanha à terceira sessão da Conferência Geral da UNESCO, em Montevideu, em 1964.

Foi ainda presidente da Junta da Comissão da Associação Secundária (1956-1958); presidente do Instituto Nacional Froebel (desde 1962) e da Fundação Nacional Froebel (desde 1963); e membro do corpo administrativo da Escola Real de Bailado. É também membro do Conselho do Royal Holloway College (desde 1965). Foi condecorada com o C.B.E. em 1953 e com o D.B.E. em 1963.

Assim, quando, em 1968, o seu oculista — distinto cirurgião oftalmologista — lhe disse que nada podia ser feito para travar a alarmante perda da visão, pode imaginar-se facilmente o efeito que isso lhe causou. O oftalmologista prescreveu-lhe lentes mais fortes para leitura, mas explicou que a retina de cada olho estava esgotada. Não podia aumentar mais a potência das lentes e ela não devia ter esperança

de conseguir ler por mais de oito anos. Quem melhor do que a própria Sr.ª Joyce poderia explicar o impacto que esse diagnóstico teve sobre si?

«A perspetiva que se abria para mim era enlouquecer, pois ler era o meu maior prazer. Todavia, naquela ocasião já tinha mais de 70 anos e tentei adotar uma atitude filosófica para enfrentar esse diagnóstico frustrante. Afinal de contas, já estava a viver o crepúsculo da minha vida e ela não poderia durar muito além do suficiente para eu sofrer esta privação. Se nada pudesse fazer para a evitar, teria de aceitar o inevitável com tanto bom humor quanto me fosse possível.»

Algum tempo mais tarde, uma amiga, que eu não via havia vários anos, veio ficar comigo durante algum tempo e, às suas perguntas sobre a minha saúde, respondi falando dos meus olhos. Ela fitou-me durante alguns instantes e então disse que conhecia alguém que podia ajudar-me. Na realidade, acreditava mesmo que ele me iria ajudar.

Continuou a falar do maravilhoso tratamento que uma das nossas amigas recebera do médico espírita Dr. Lang. Essa amiga é sete ou oito anos mais velha do que eu e estava quase totalmente cega antes de conhecer o Dr. Lang. Pois bem, ele foi capaz de melhorar a sua visão a tal ponto que hoje consegue ler, escrever e coser.

Recebi emprestado um livro sobre o trabalho do Dr. Lang, porém, embora muito impressionada com o que li, levei mais de um ano até decidir pedir uma consulta com o médium George Chapman, para poder encontrar-me com o Dr. Lang. Finalmente, a consulta ficou marcada para o dia 24 de Junho de 1970 e, durante as semanas intermédias — algumas das quais passei na ilha de Naxos, uma das Cíclades — iria receber tratamento à distância. Parecia que a minha vista estava a melhorar levemente; contudo, com ceticismo algo ingrato, pensei que isso poderia ser atribuído à maravilhosa luz de Naxos e ao efeito do descanso das férias sobre o meu corpo, mente e espírito.

Fui para Aylesbury, na manhã de 24 de Junho, num estado mental algo negativo — não que me fechasse à possibilidade de cura, mas não me permitia a esperança de um milagre. Nada me pareceu dramático ou sensacional, à medida que entrava na sala de espera em St. Brides. No momento em que entrei no consultório, tive uma sensação de profunda serenidade.

Desde o instante em que me deitei no divã, entreguei-me às mãos do médico espírita, o Dr. Lang, com espontânea tranquilidade. Ouvi-o falar ao seu filho, Basil, e dizer-lhe que era necessário remover uma catarata do meu olho direito — o meu oculista dissera-me que seria inútil removê-la, pois a possibilidade de visão, após a operação, era muito reduzida. Não senti dor nem desconforto e, além disso, soube exatamente quando a catarata estava a ser removida. Em seguida, o Dr. Lang procedeu à limpeza dos olhos, ou pálpebras, e finalmente falou de um escotoma no olho esquerdo. Quanto à minha circulação sanguínea, considerou-a satisfatória.

Durante toda a visita, ouvi uma voz culta e madura. Quando desci do divã e me sentei numa cadeira, embora a sala estivesse em penumbra, reparei num rosto mais envelhecido do que o do Sr. Chapman, que me recebera na sala de espera. Os seus olhos pareciam fechados e, no entanto, eu estava certa de que me via, porque disse que eu reagira muito bem e que em breve a minha visão estaria consideravelmente melhor. «Até logo, menina», disse-me ele, «gostaria de vê-la daqui a seis meses. Durante esse tempo receberá tratamento à distância. Não vá consultar o seu oftalmologista antes de eu a ver de novo, pois creio que ainda posso melhorar mais a sua vista.»

Ao voltar para o carro, senti-me estranhamente fortalecida. A minha amiga conduziu e, entretanto, deixei os óculos no estojo. Sentada confortavelmente e a pensar no que me havia sucedido, percebi de repente que podia ler as sinalizações — o que, na ida para Aylesbury, me fora difícil, mesmo com óculos. Outra coisa maravilhosa: conseguia distinguir as diferentes árvores, pois via claramente a forma das folhas.

Nessa noite assisti à televisão sem óculos e percebi que conseguia ler com aqueles mesmos que tivera de encostar de lado quando me haviam prescrito lentes mais fortes. O dia seguinte estava repleto de surpresas agradáveis: não precisei dos óculos para ver a comida ao pequeno-almoço e, quando fui de carro até Westminster, na entrada da rua Great George, onde o Big Ben se torna visível, o mostrador do relógio apareceu-me nítido — há muito tempo que o via sempre embaciado, e agora até consegui distinguir os minutos entre os números das horas!

A primeira vez que fui ao teatro após a «operação» do Dr. Lang, fiquei espantada por ver claramente os rostos dos atores. Notei também que podia ler, sem dificuldade, *The Times*, viajando de metro. Pareceu-me

ainda que raciocinava com mais clareza e intensidade, como se a minha mente se tivesse também clarificado! No início, o sol forte incomodava-me, mas o Dr. Lang recomendara-me evitá-lo.

Os óculos fortíssimos que usava para leitura pareceram-me agora demasiado fortes e, pouco a pouco, deixei de os usar. Só após mais duas consultas o Dr. Lang me aconselhou a procurar o oftalmologista, a fim de me prescrever novas lentes. Infelizmente, o cirurgião especialista que cuidara da minha visão durante vários anos acabara de se reformar e aquele a quem me dirigi não quis acreditar no milagre que o Dr. Lang realizara. Disse-me que o olho esquerdo não mostrava melhoria e admitiu, muito a contragosto, a melhoria do direito. Quando entreguei a receita ao ótico, este ficou estupefacto com a redução do grau das lentes prescritas.

Há poucas semanas (Março de 1972) fui consultar o Dr. Lang pela quarta vez. Antes de ir a Aylesbury, escrevi ao Sr. Chapman relatando uma perturbação que surgia nos meus olhos, especialmente à noite: uma leve picada e a sensação de ter areia nos olhos. Ao entrar no consultório, o Dr. Lang recebeu-me dizendo: «Querida jovem» e, depois de examinar os olhos, afirmou que os canais não funcionavam bem na parte posterior e teriam de ser lubrificados. Feita a limpeza, senti uma melhoria imediata, embora o problema tenha voltado. Durante essa mesma consulta, falei-lhe sobre a artrite que me atormentava de novo nos pulsos, depois de uma pausa de quase doze anos. Ele massageou-os levemente; depois disso, a artrite e o inchaço desapareceram.

Não sou eu quem pode explicar tudo isto, mas posso dizer, com Hamlet: «Horácio, há mais coisas no céu e na terra do que jamais sonhou a tua filosofia.» E eu sei e reconheço, com profunda gratidão, que, por intermédio do seu médium, George Chapman, o Dr. Lang restaurou em grande medida a minha visão e aliviou a artrite nos joelhos e pulsos. Deus age misericordiosamente.

CAPÍTULO XIII

ELE SÓ ACREDITOU, VENDO…

Recuso-me, frequentemente, a apresentar-me na imprensa ou na televisão. O Dr. Lang já tem mais do que suficientes clientes a quem atender e as consultas têm de ser marcadas com meses de antecedência. Uma grande publicidade nacional só agravaria o problema. Por outro lado, estamos tão ocupados em St. Brides que sou obrigado a recusar muitas ofertas tentadoras de viagem ao estrangeiro, para ir ao encontro de pacientes demasiado doentes para poderem viajar. O tratamento à distância substitui a deslocação.

Entretanto, se estivesse em Sacramento, na Califórnia (EUA), teria enorme dificuldade em recusar o convite de Chet Trouten para participar no seu popular programa de televisão, ao qual os ouvintes podem telefonar para dirigir perguntas aos convidados. Chet teve a gentileza de me fazer esse convite depois de ter ido a St. Brides para ser tratado pelo Dr. Lang. Chet não é apenas uma celebridade televisiva, mas também escritor; por isso, dirijo-me a ele, pedindo-lhe que termine este capítulo relatando a sua experiência.

As ondas, quebrando pesadamente, projetavam a espuma branca dos nevoeiros, enquanto o *Linda* cambaleava na travessia do Canal Norte do Mar da Irlanda. Tentando descansar na sala do restaurante, segurei a tempo um saleiro que resvalava alegremente pela mesa desequilibrada, e ri-me, divertido, ao colocá-lo de novo no lugar. Estava a gozar umas longas férias e faltavam ainda alguns dias para voar num avião da BOAC que me levaria a Los Angeles e, depois, à minha casa em Sacramento — a cidade das árvores, capital da Califórnia, cerca de 650 km a norte de Los Angeles, a cidade da neblina.

Enquanto o vapor, rasgando as ondas, procurava resolutamente caminho no meio da tempestade e dos ventos contrários, recordava o ano anterior e uma conversa com um amigo e colaborador. Estávamos sentados no escritório do edifício da televisão, onde ele produz a minha palestra diária no programa da nossa estação, filiada à Rede ABC. Expressávamos, frequentemente, fascínio mútuo pelas coisas ocultas. Nesse dia mencionou um livro sobre a mediunidade de George Chapman, que fui

logo buscar à sua vasta biblioteca. Foi esse livro que me fez decidir passar férias nas Ilhas Britânicas. Despertou-me a curiosidade e, no íntimo, algo me dizia que um dia havia de falar com aquele homem — um homem por cujo intermédio o falecido Dr. Lang falava e caminhava!

E agora, saboreando o meu chá a bordo, atravessando o Mar da Irlanda, a mais de nove mil quilómetros da minha pátria, revivia a experiência mais impressionante da minha vida: a visita ao Dr. Lang, o espírito-guia de George Chapman, que diagnosticou com precisão a causa das minhas indisposições físicas.

— «O coração está em boas condições. Está perfeito. Mas aqui, à esquerda do coração, há um estreitamento que impede a circulação do sangue. Isto», continuou o Dr. Lang, «é a causa dos sintomas semelhantes aos do enfisema pulmonar.»

Mas, perguntei, por que motivo, mesmo depois de uma refeição ligeira, eu tinha a sensação de ter comido como num banquete de Henrique VIII?

— «Isso deve-se simplesmente à posição incorreta dos intestinos», respondeu o Dr. Lang, sorrindo. «Mas é fácil de corrigir.»

Fez-me deitar no divã da sala em penumbra que, como por encanto, me transportou ao tempo em que o Dr. Lang exercia a sua profissão na Terra. Disse-me que os móveis eram do seu antigo consultório. Um relógio antigo marcava, com o seu tique-taque, os preciosos momentos das nossas vidas; o couro desbotado de um livro encadernado adquirira tons escuros ao longo dos anos — certamente um dos seus volumes prediletos, lido e relido vezes sem conta. E, na parede, estava o retrato do bom médico e da sua segunda esposa.

Recordo-me nitidamente de entrar nessa sala, depois de uma agradável conversa com o filho e assistente de Chapman, Michael, que me introduziu. Foi como se tivesse recuado ao passado: a um tempo sem poluição, sem bombas atómicas e sem guerra, a uma época em que ainda reinava o bom-tom e a vida conservava o precioso valor que nunca devia ter perdido.

Primeiro, eu e o Dr. Lang falámos de assuntos triviais. A minha gravata — era um modelo novo? perguntou ele. Sim, era. Chamava-se Macramé, feita especialmente para ser usada no meu programa de televisão e, na

altura, só existia outro exemplar. Perguntou se os convidados do programa eram interessantes.

Frequentemente. Havia alguns nomes célebres do teatro, como Robert Hortons, Don Ameche, Polly Bergen, George Liberace, Eddie Albert e, naturalmente, eu tinha-me apaixonado pela deliciosa Phyllis Diller (mas então, quem não se apaixonava?). E houve Vincent Price, cujo motorista, à chegada a Saint Louis, Missouri, o levou imediatamente a quatro cemitérios, pois pareceu-lhe que os papéis de horror de Price revelavam a sua verdadeira natureza! Havia ainda membros do gabinete presidencial, senadores, congressistas aspirantes à presidência; e inúmeras estrelas da televisão, do cinema e até «dos velhos tempos da rádio»!

Era uma conversa banal, mas divertida. E pareceu-me que o Dr. Lang estava realmente interessado; mencionou um casal, mundialmente conhecido, seus pacientes, que enviara a Aylesbury outros clientes vindos dos Estados Unidos.

Vi-o nitidamente, tal como se apresentou na minha consulta, durante o exame e na «operação»: cabelo branco desalinhado, olhos hermeticamente cerrados. Os ombros levemente curvados pelos anos de serviço aos homens, carregando sobre si o peso dos problemas alheios. A sua fala tinha o timbre vacilante, típico dos idosos. Irradiava preocupação com a saúde dos outros e o prazer de poder continuar essa grandiosa tarefa graças às suas mãos curadoras. Que homem magnífico era o Dr. Lang!

Já passou algum tempo desde as nossas entrevistas, mas uma noite por semana comunico-me com ele silenciosamente e converso como se estivesse novamente sentado ao seu lado. O mal-estar que me atormentara durante anos diminuiu; agora parece coisa do passado e espero que não regresse.

Será que foi apenas psicológico? Será que me curei sozinho? Ou bastaria eu submeter-me à sugestão de alguém em quem acreditasse capaz de curar-me e, confiando, permitir que a fé atuasse? Ou teria sido realmente obra de uma entidade espiritual a trabalhar através do devotado George Chapman?

Em última análise, terá isso importância? Os que agora andam, e antes não andavam; os que deixaram bengalas, muletas e cadeiras de rodas na gruta de Lourdes; os que recuperaram a visão e saíram das trevas da cegueira — preocupam-se verdadeiramente em saber como foram curados? Você preocupar-se-ia? Eles bastam-se com ver, com a alma, um milagre realizar-se. E eu vi-o.

O grave e prolongado apito do navio assustou-me e chamou-me à realidade. Ao olhar de soslaio pelas vigias, percebi as docas de Larne, no Norte da Irlanda, a perfilarem-se na neblina. Uma aventura terminava e logo começava outra, nesta vida que nos conduz.
E não será a vida maravilhosa quando se tem saúde?

CAPÍTULO XIV

UMA BIÓLOGA PRESTA HOMENAGEM

Fico sempre particularmente satisfeito quando o Dr. Lang consegue ajudar uma pessoa como Thereza Vaartaja, porque assim auxilia também, indiretamente, muitas outras.

Thereza é mais conhecida no Hospital Memorial de Nova Iorque como Dra. Vaartaja, bióloga especializada em citogenética. O seu título completo é: Assistente Citologista, Serviço de Citologia, Departamento de Patologia. O seu trabalho consiste em detetar alterações cromossómicas — material genético — nas células de doentes com tumores malignos ou pré-malignos.

Passa, por isso, muitas horas com o olho fixo no microscópio, absorta na análise das células que examina nas lâminas. O trabalho envolve ainda conferências, múltiplas pesquisas e leituras de artigos científicos complexos. Tenho à minha frente uma publicação de 1972, no *Boletim Clínico do Centro Cancerológico do Memorial Sloan-Kettering*, intitulada *"Citogenética em Estudos Clínicos de Tumores Humanos"*.

A Dra. Vaartaja conhecia já a cura espiritual antes de ouvir falar do Dr. Lang. Passara um ano em Londres, em 1965, durante o qual sofria periodicamente de insónias. As drogas produziam nela efeitos contrários, mas iniciou tratamento na Associação Espiritualista da Grã-Bretanha, em Belgrave Square, obtendo resultados benéficos. Ficou impressionada

com o que presenciou e também com o facto de muitos pacientes serem encaminhados dali para diversos hospitais de Londres. Nesse ano lera também a história do trabalho do Dr. Lang, que lhe causou profunda impressão. Voltando a Londres, em 1969, fez a sua primeira consulta com o Dr. Lang, repetindo-a no ano seguinte.

Entretanto, passou a contar sobretudo com o tratamento à distância e mostra-se muito recetiva a ele. Diz que, por vezes, chega a ouvir a voz do Dr. Lang ou de outros membros da sua equipa durante as sessões.

Antes de me contactar pela primeira vez, a Dra. Vaartaja sofria de fortes dores de cabeça que lhe tornavam muito difícil a concentração no trabalho. Durante alguns meses submeteu-se a acupunctura com um médico que era também proeminente especialista do sistema nervoso, mas as dores persistiram, deixando-a dias inteiros sem conseguir trabalhar.

«Desde que fui tratada pelo Dr. Lang», diz ela, «as dores de cabeça desapareceram e a minha mente funciona melhor. O Dr. Lang livrou-me também de muitos outros problemas de saúde.»

Numa das visitas ao Dr. Lang, ficou especialmente espantada com o conhecimento que ele demonstrou ter acerca do hospital onde trabalhava, bem como com os comentários que fez sobre a sua área de investigação, justamente na parte em que os resultados tinham sido mais fracos.

Além da visível melhoria da sua saúde, a Dra. Vaartaja presta tributo ao Dr. Lang pela ajuda que recebe nas tarefas mais exigentes, como as conferências públicas. Pedindo-lhe auxílio antes dessas sessões, ganha forças para suportar a carga até ao fim.

Quando lhe pedi autorização para relatar o seu caso neste livro, aceitou de bom grado, acrescentando: «Para mim, o Dr. Lang é muito real. Devíamos dar a conhecer ao público o maravilhoso auxílio que se pode receber dos seres espirituais.»

Isto leva-me a falar de St. Brides que, embora situada numa agradável rua residencial, se assemelha muitas vezes a um hospital — sobretudo quando Tony Lewis traz algum paciente. Tony dirige um serviço particular de ambulâncias em Liverpool, a minha cidade natal, e é também o

inventor da maca “Scabos”, uma maca tripartida ideal para feridos da coluna vertebral, perturbações cardíacas e casos ortopédicos.

Os Serviços Particulares de Ambulância de Lewis — a operarem a partir da Bronshill, 20, Serpentine South, Blundellsands, Liverpool L23 85H — utilizam equipamento completo, veículos de carroçaria baixa ao estilo americano, com pessoal especialmente treinado para emergências: tanto o motorista como os auxiliares e a enfermeira da ambulância. O serviço dispõe ainda de avião-ambulância especial com enfermeiras particulares. Graças à maca inventada por Tony, um enfermo grave pode ser transportado da cama para o *Scabos* e viajar, sem perigo, de ambulância ou de avião para qualquer parte do mundo.

Tony e a sua mulher, que é enfermeira, nada sabiam sobre o Dr. Lang até que uma paciente, residente perto de Southport, solicitou os seus serviços.

«Essa paciente estava paralisada da cintura para baixo em consequência de um acidente de automóvel ocorrido seis anos antes», contou Tony. «A viagem correu bem, de Southport até Aylesbury, e chegámos um pouco antes da hora marcada. Fomos introduzidos no consultório, onde conhecemos o Sr. Chapman. Ele falou brevemente com a paciente e, em seguida, entrou em transe.»

Então o Dr. Lang começou a falar. Cumprimentou a paciente e apertou-nos a mão. Depois iniciou a operação para que o sangue pudesse circular livremente na região paralisada. Durante a intervenção, a paciente exclamou: «O que está a fazer, Dr. Lang? Estou a sentir alguma coisa… parece uma faca.»

Quando o tratamento terminou, levámos a paciente de regresso a casa. Durante toda a viagem ela falou de um formigueiro que sentia nos locais onde o Dr. Lang atuara. Custava-lhe a acreditar, pois perdera a sensibilidade nessas zonas desde o acidente. Essa fora a sua segunda visita ao Dr. Lang; a terceira estava já prevista para Maio de 1972, altura em que escrevo estas linhas. Ela mantém uma fé inabalável no Dr. Lang e está convencida de que em breve poderá voltar a andar.

A minha mulher e eu também conversámos com o Dr. Lang e temos a certeza de que, se alguém pode ajudar aquela doente, esse alguém é apenas ele.

Não me foi possível revelar o nome da paciente, pois não deseja publicidade, e todas as consultas são, para nós, confidenciais — exceto quando o próprio paciente consente na divulgação.

O excelente serviço de ambulâncias de Tony Lewis é uma resposta clara para os pacientes incapacitados de utilizar os meios convencionais de transporte até Aylesbury. Mas uma paciente ousada, após solicitar uma consulta, entrou em contacto com a Cruz Vermelha e conseguiu o seu auxílio para a viagem. Para essa tarefa foi destacada a Sr.ª Kathleen Vaughan, agente de transporte da secção da Cruz Vermelha de Croydon, residente em Hever, Kent. Não apenas levou a doente a St. Brides, como mais tarde regressou para se tratar com o Dr. Lang e levou consigo outros pacientes. Eis o seu testemunho:

O meu primeiro encontro com o Dr. Lang deu-se aquando da visita de uma paciente que estava gravemente doente, em estado crítico, havia 16 anos. Estivera internada em diversos hospitais e sujeitara-se a vários tratamentos, sem resultado. Ao ler sobre o Dr. Lang, desesperada, pediu uma consulta a George Chapman. Sabendo das minhas funções na Cruz Vermelha, perguntou-me se eu concordaria em levá-la a Aylesbury e manifestou o desejo de me deixar assistir à consulta, o que me deixou encantada.

Chegámos a Aylesbury sem saber exatamente o que íamos encontrar. Apesar de nunca ter visto ninguém em transe, aceitava facilmente fenómenos desse género. Quando entrámos no consultório, fiquei admirada ao ver um homem bem mais idoso do que esperava. Os seus olhos permaneceram fechados durante toda a consulta e não se moveram, ao contrário do que acontece mesmo durante o sono. Levantou-se da cadeira, veio sem hesitação ao nosso encontro e acolheu a paciente, dizendo: «Olá, jovem.» Depois, voltando-se para mim, apertou-me a mão e comentou: «Como é gentil, da sua parte, ter vindo.»

Perguntou à paciente o que esperava dele e ela descreveu, de forma muito simples, o seu estado de saúde. Examinou-a sentado, a menos de um metro de mim. Tendo detetado uma artéria da coluna vertebral bloqueada, disse que iria intervir. Ajudei-a a subir para o divã e a instalar-se comodamente. Ordenou-lhe que fechasse os olhos e respirasse profundamente; depois estalou os dedos, dizendo: «Vem, Basil», e pareceu que tudo o que necessitava para a operação lhe era entregue. Permaneci de pé, atrás dele, observando cada gesto.

Explicou-me: «Preciso de operar o coração, mas não se preocupe, felizmente é forte.» Em seguida, iniciou a operação em silêncio, ouvindo-se apenas o estalar seco dos dedos, como se reclamasse os instrumentos necessários. Tudo se passava a poucos centímetros do corpo da paciente.

Fiquei maravilhada com a precisão e a segurança que demonstrava. Parecia rejuvenescido, senhor absoluto da situação. Em seguida, disse-me que tentaria modificar a composição química do líquido cefalorraquidiano, que não era satisfatória. Tornámos a instalar a paciente na cadeira, de modo a que eu pudesse observar, e o Dr. Lang administrou uma «injeção» em cada vértebra, subindo até ao cérebro.

Depois da operação, vi-o dar aproximadamente sessenta pontos — sem jamais tocar na doente. Quando lhe contei, não quis acreditar. Disse-me que sentira perfeitamente todos os movimentos: os pontos da sutura, embora indolores, e até as bordas da ferida a fecharem-se. Antes de partir, o Dr. Lang prescreveu-lhe um regime de dieta e repouso.

Antes da minha visita a St. Brides, tinha magoado o polegar da mão direita. Nem sequer conseguia cortar uma fatia de pão, e por isso envolvera-o numa faixa comprida. Tirei-a antes da viagem para não parecer «um cego a guiar outro cego» e nada disse a respeito ao Dr. Lang. Ao sairmos do consultório, o Dr. Lang afirmou que gostaria de rever a paciente dali a seis meses e, ao despedir-se, tomou a minha mão direita, dizendo «até logo». Apenas ao chegar a casa percebi que o polegar estava curado. Passaram-se nove meses e nunca mais tive qualquer problema.

Na visita seguinte pedi também uma consulta para mim. Apesar de sempre ter sido muito ativa — praticava hóquei, ténis, marchas e outras atividades — sofria de má circulação sanguínea: os meus dedos e pés pareciam sempre «mortos». Sentia-me constantemente friorenta e as mãos e pés sofriam verdadeiramente. Contei-o ao Dr. Lang, que examinou os pontos de pressão e exclamou: «Oh, coitadinha, assim não será de grande utilidade para a Cruz Vermelha.»

Disse então que iria operar as minhas artérias e conduziu-me ao divã. Tudo o que senti foi uma cálida sensação de conforto e segurança. Terminada a operação, perguntou-me se podia fazer mais alguma coisa por mim. Respondi que os meus olhos me incomodavam, como se

tivessem areia dentro, e perguntei se não seria princípio de catarata. Examinou-os e disse que não havia qualquer indício, mas que o líquido ocular precisava de ser regulado. Pressionou ao redor dos olhos e recomendou compressas de água quente durante um minuto, diariamente por uma semana. Segui as instruções e deixei de sentir pontadas ou a sensação de areia.

No dia 17 de Janeiro, o Dr. Lang tratou da minha fraca circulação. Escrevo isto a 14 de Março e, desde então, os meus pés nunca mais ficaram dormentes. Este é o inverno mais quente que alguma vez tive. Que Deus abençoe o Dr. Lang!

Quando estive em St. Brides, falou-me também do trabalho da Cruz Vermelha. Contou que, durante a Primeira Guerra Mundial, o seu filho Basil se alistara no Exército e percebera logo a necessidade de um aparelho de raios X móvel — coisa inédita na época. Sugeriu que uma instalação de emergência poderia ser feita numa ambulância militar, mas faltava verba para concretizar a ideia. Foi então que a Cruz Vermelha, através da sua Ordem de São João, em Clerkenwell, arrecadou fundos e conseguiu finalmente o dinheiro necessário para equipar a primeira cabina móvel de raios X.

A ideia de Basil permitiu radiografar os soldados feridos no próprio campo de batalha, conhecendo-se assim a extensão das lesões antes de lhes mexer. Sem esse conhecimento, removê-los seria perigoso. A partir daí, viajámos muito para transportar doentes. E tenho a certeza de que, quando Tony Lewis entrou em St. Brides com a sua moderna e brilhante ambulância, Basil Lang teve a oportunidade de admirar aquelas inovações, inéditas até então.

CAPÍTULO XV

UM SALTO EM FRENTE

Ailsa Van Heerden, uma das mais notáveis campeãs hípicas da Rodésia, nasceu com uma deformidade num dos olhos — córnea cónica — que a incomodou durante toda a vida. A partir dos 18 anos foi obrigada a usar lentes de contacto, mas estas, ao mesmo tempo, causavam-lhe problemas nos concursos hípicos e na escola de equitação que dirigia com o marido.

Depois de descobrir que um parente de uma das suas alunas era membro de um centro de tratamento, Ailsa começou a interessar-se pelo Espiritismo, na Rodésia, e consultou médicos espíritas locais — tanto para os seus cavalos como para si própria. Surgiram úlceras nas retinas, que lhe causavam dores violentas, e todas as sextas-feiras à noite percorria 16 quilómetros de carro para receber tratamento. O sofrimento era tão intenso que, por vezes, tinha de parar para pingar colírio nos olhos. Assim continuou durante várias semanas, sem qualquer melhoria, até que, de repente, ocorreu uma transformação: as úlceras desapareceram. O seu oculista ficou estupefacto.

Entretanto, lera numa revista um artigo sobre o Dr. Lang que também mencionava médicos espíritas residentes em Salisbury, na Rodésia, entre os quais o major Edward Haydock. Como o major tratava igualmente de animais, Ailsa decidiu telefonar-lhe para pedir auxílio para os seus cavalos, que não reagiam ao tratamento veterinário. Ele respondeu que os trataria à distância. Um pónei tinha enormes verrugas no peito, já operadas duas vezes mas sempre recorrentes.

Eram grossas como uma chávena, vermelhas, em carne viva e a gotejar. Outro cavalo, um dos melhores saltadores que Ailsa possuíra, sofria havia dois anos de calos dolorosos. Após o tratamento do major Haydock, as verrugas do pónei caíram e não voltaram a aparecer; quanto ao outro cavalo, nunca mais teve calos.

Compreensivelmente entusiasmada com esses resultados, Ailsa recebeu o major no seu Centro de Equitação de Waterfields. Nessa ocasião teve vontade de lhe pedir ajuda também para o seu estado de saúde, e ele sugeriu-lhe que fosse ao seu santuário para receber tratamento. Depois dessa conversa, Haydock escreveu-me pedindo uma consulta com o Dr.

Lang. O major acreditava que os resultados seriam melhores por se tratar de uma afeção ocular. A consulta ficou marcada para Abril de 1972. Mas, entretanto, chegou-nos a notícia de que a vista de Ailsa piorara subitamente e o seu estado se tornara alarmante. Aparentemente, formavam-se de novo úlceras no olho direito. Como já uma vez haviam sarado e se aproximava a época de corridas, Ailsa descuidou-se e a situação agravou-se muito.

Na altura do seu quarto concurso hípico, estava parcialmente cega e sofria continuamente. Sem ainda ter plena consciência da gravidade do estado dos seus olhos, recorreu ao major Haydock pedindo auxílio. Ele ficou tão consternado que convenceu a campeã rodesiana de saltos a enviar-nos um telegrama solicitando o adiantamento da consulta. Por sorte, houve uma desistência e Ailsa pôde ser atendida. A consulta foi marcada para 13 de Outubro de 1971 e a paciente teve de esperar apenas sete semanas. Aqui, deixo que ela própria conte a sua história:

Depoimento de Ailsa Van Heerden

Eu não estava em condições de montar no concurso hípico de Salisbury que, todavia, era de grande importância por ser uma competição internacional e por eu ter sido escolhida para integrar a equipa da Rodésia — o que é uma grande honra. Felizmente, consegui saltar no concurso hípico de Bulawayo, graças ao auxílio e orientação que recebi do Além. Preciso reconhecer que tive cavalos maravilhosos, mas, francamente, foi um desastre para mim.

Realmente, como os médicos haviam predisse, os meus olhos não paravam de piorar e isso abalava profundamente o meu estado geral. Eu estava dolorida, desesperada e acabei hospitalizada durante um mês. Cheguei ao ponto de pensar seriamente em extrair o olho doente, pois suspeitaram de um tumor maligno. Algo me dizia que não era nada, mas a dor era tão intensa e eu estava tão deprimida que, ao mesmo tempo, surpreendia-me a desejar que extirpassem aquela coisa maligna!

Acabaram por operar o olho, mas foi horrível e continuei a sofrer dores atrozes. Invocava para mim o auxílio dos médicos espirituais que conhecia e cuja presença sentia ao meu redor. A minha mãe era a única que conseguia aliviar-me e, quando chegava a ponto de gritar de dor, telefonava-lhe; ela vinha a qualquer momento e, ao colocar a mão nas minhas têmporas, atenuava aquele sofrimento aterrador.

Após quatro semanas de hospital, a dor diminuiu um pouco e supliquei que me deixassem regressar a casa, porque tinha apenas nove dias para me preparar e viajar para Inglaterra à procura de George Chapman.

Todos duvidaram que eu tivesse forças para empreender tal viagem, pois havia perdido cerca de 10 quilos e estava muito enfraquecida. No entanto, consegui. Estava decidida a apanhar o avião de 10 de Outubro, mesmo que tivesse de embarcar de joelhos. Como precisei de passar dois dias em Londres antes da consulta com o Dr. Lang, houve tempo para telefonar a uma jovem amiga pedindo-lhe que me acompanhasse e me desse apoio moral. Era uma das minhas alunas de Salisbury, que começava então um estágio de enfermagem num hospital de Chelsea.

Partimos de autocarro para Aylesbury. A viagem demorava duas horas e, justamente nesse dia de Outubro, soprava um dos ventos mais fortes do ano na Grã-Bretanha. Fomos literalmente empurradas pelo vento, mas chegámos a tempo para a consulta das 16h15 na casa de George Chapman.

A ansiedade deixava-me nervosa. Não podia acreditar que, enfim, estava ali; parecia-me impossível. Tantas noites sem dormir, em busca de respostas indefinidas! Como apresentação, tinha apenas as palavras de uma amiga da minha mãe, que recebera do Dr. Lang tratamento de retina. Ela só o procurara depois de consultar eminentes especialistas da Europa e da América, que acabaram por tratá-la com raio laser, mas disseram-lhe que nada mais havia a fazer. Estava quase cega quando se encontrou pela primeira vez com o Dr. Lang e, três meses depois, a sua visão começava a melhorar.

Fui conduzida à sala de consultas por Michael Chapman. Não sei por que motivo estava tão nervosa — talvez pela apreensão, pelo nervosismo, pela fraqueza ou pela emoção — mas os meus joelhos tremiam. Fui recebida pelo Dr. Lang, que parecia um homem de cerca de 65 anos, com voz de idoso. Como nunca vira o Sr. Chapman fora de transe, não podia comparar. O Dr. Lang acolheu-me como a uma amiga de longa data e fez-me sentar. Perguntei-lhe se aceitaria autografar cinco exemplares do livro sobre ele, que comprara para oferecer a amigos. Ele concordou e assinou com a data de 1832.

Depois examinou-me e disse que eu possuía uma constituição sólida e devia ter boa saúde. Perguntou: «É muito jovem — cerca de 22 anos?» Fiquei espantada. «Oh, não!», respondi. «Tenho mais de 32.»

Disse-me também que o seu filho Basil e a esposa estavam com ele, assim como outros auxiliares, e que ia operar-me. Pediu-me que me deitasse no divã e anunciou que começaria por uma operação ao coração, para aumentar a circulação do sangue nos olhos. Depois ordenou: «Está na hora, Basil, injeção.» Nesse momento, pensei que ia morrer! Porém, logo compreendi que ele operava o meu corpo etérico, a uns dois centímetros acima do corpo físico.

O Dr. Lang operou primeiro o olho esquerdo e depois o direito. Enquanto conversava comigo, usou uma série de termos médicos, alguns dos quais não entendi. Não senti absolutamente nada durante todo o tempo da operação. Em seguida, informou-me ter feito um enxerto na córnea, pelo que não devia montar a cavalo nem saltar, pois os bastonetes e os cones estavam mal equilibrados devido à pressão da úlcera e era necessário estabilizarem-se. Qualquer abalo ou queda, provocados por um cavalo, poderia deslocá-los de novo. Deveria manter o olho protegido, tapado, e não abusar da televisão com o outro. Expressou ainda o desejo de me rever antes da partida para casa e marcou uma nova consulta para dez dias depois.

Deixei Jane, a minha amiga, completamente atónita, pois não lhe parecia possível que eu tivesse realmente visto o Dr. Lang. Mas era verdade — graças à ajuda da minha mãe, do major Haydock e de todos os amigos do Centro Hípico, que pediram auxílio financeiro durante a corrida de Salisbury, pude custear a viagem.

Quando, no regresso, cheguei a Londres, fui para a cama e dormi profundamente. Até então, precisava de dezoito comprimidos de codeína por dia para aliviar as dores de cabeça e a irritação ocular. Ao acordar, na manhã seguinte, não sentia dor alguma, o que me pareceu inacreditável. Julguei que fosse imaginação. Às nove e meia, continuava sem dor de cabeça e comecei a pensar que, a qualquer momento, viria uma enxaqueca digna de um rei. Por precaução, tomei dois comprimidos de codeína — mas agradeci à sorte.

A pessoa que me hospedava, não confiando nesse tipo de tratamento, marcou sem me consultar uma visita a um especialista da Harley Street e

insistiu para que eu fosse no mesmo dia. Naturalmente, não queria ir, mas encontrava-me numa posição embaraçosa. Certamente, o especialista manipularia os meus olhos de todas as formas, e seria lamentável. Que diria o Dr. Lang? Todo o seu trabalho seria posto em causa! O especialista insistiu em hospitalizar-me de urgência para realizar enxertos na córnea, mas recusei e, por fim, fui-me embora.

Como a minha amiga, bem-intencionada e persistente, era capaz de me obrigar a ir ao hospital, resolvi fazer uma pequena viagem ao continente com outra companheira. Escrevi ao Dr. Lang, explicando tudo, e pedi que continuasse o tratamento à distância. Fizemos uma viagem maravilhosa. Dormia todas as noites como um bebé e recuperei muita da força perdida. A melhoria dos meus olhos não foi tão notória: por vezes considerável, outras quase impercetível.

Para regressar, atravessámos de comboio a Áustria, a Alemanha e a Holanda. Já não tomava mais do que oito comprimidos de codeína por dia, pois estava bastante melhor; contudo, confesso que ainda duvidava.

Voltei a Inglaterra a tempo da minha segunda consulta com o Dr. Lang. Ao chegar a Aylesbury, o motorista do táxi, vendo a faixa que me cobria o olho, comentou: «Ah, a senhorita vai procurar o Sr. Chapman», e conhecia perfeitamente o caminho, pois evidentemente estava habituado a transportar doentes para aquela morada.

Mais uma vez, o Sr. Chapman encontrava-se em transe e fui recebida pelo Dr. Lang. Ele examinou os meus olhos e eu contive a respiração. «Sim», disse ele, «melhoraram um pouco.» Resolveu operá-los novamente e, desta vez, entreguei-me sem medo. Estava muito mais forte: recuperara cinco quilos e os meus joelhos já não tremiam. Deitei-me, completamente relaxada.

Depois da operação, fez-me sentar e explicou que não podia dormir deitada sobre o lado esquerdo, porque o olho direito oscilava terrivelmente e isso causava as minhas dores de cabeça, sobretudo de manhã. Em seguida, colocou as mãos sobre a minha cabeça, num contacto terapêutico.

Desta vez, ia preparada com perguntas, pois da primeira só conseguira responder com um «sim», obedecendo às instruções.

Eu: O que fez exatamente? O senhor falou em enxerto.
Dr. Lang: Sim, realizei enxertos em ambos os olhos.
Eu: E quanto às lentes de contacto e aos óculos?
Dr. Lang: Continuará a usá-los, mas terá de os ajustar, aproximadamente de mês a mês, conforme sentir necessidade. Quando concluir o tratamento, já não precisará deles, exceto dos óculos de leitura.
Eu: O senhor disse que o tratamento levará três meses até mostrar resultados. Por que tanto tempo?
Dr. Lang: Por causa do humor aquoso. Quero que use uma compressa sobre o olho durante todo esse período. É necessário conservar o olho quente e enxuto. E, por favor, nada de saltos a cavalo nem demasiada televisão.

Disse-lhe que três meses sem saltar seria muito duro, mas faria o que exigisse. Dei-lhe a minha palavra. Prometi ainda escrever-lhe regularmente para o informar sobre o meu estado. Ele desejou-me boa sorte e despediu-se.

Quando regressei à Rodésia, todos se admiraram com a melhoria dos meus olhos e do meu estado geral. Agora, não tomo mais do que um comprimido de Dispirin por dia, e os meus olhos estão definitivamente em vias de cura. Entretanto, o especialista da Harley Street garantira que o único meio de eliminar a úlcera seria a operação, pois nunca sararia por si mesma. Como gostaria de lhe provar que se enganou!

O que acontecerá, não sei prever. Não posso afirmar, hoje, se farei parte dos doentes que tiveram a sorte de sarar completamente. Contudo, sinto que vou recuperar, visto que tantas pessoas me ajudaram e tanto fizeram por mim! Essa experiência, por nada no mundo, gostaria de ter perdido.

Ailsa escreveu o relato da sua cura em Dezembro de 1971. Dois meses depois, a 17 de Fevereiro de 1972, o *Rhodesia Herald* publicava uma reportagem sobre o caso com o título: **«Um Médium em Transe Salvou-lhe os Olhos»**. Eis alguns trechos desse longo artigo:

A Sr.ª Ailsa Van Heerden, campeã do concurso hípico de saltos de Salisbury, que se submetera a um enxerto “espiritual” da córnea em Inglaterra, no último mês de Outubro, descreveu o seu restabelecimento como «um pequeno milagre»...

Depois de quatro meses, a sua visão fora restaurada em 75% no olho direito e usava apenas uma lente de contacto no olho esquerdo.

Ontem, na escola de equitação, explicou como o tratamento se processara desde o início. Cerca de uma semana antes do dia 13 de Janeiro — data em que, segundo o médico, o enxerto fora aceite pelo organismo — retirara a faixa.

«A visão ficou muitíssimo melhor, embora ainda um pouco turva. A dor e o lacrimejar desapareceram de vez», disse. «Tenho praticado muita equitação e saltos desde a primeira semana de Janeiro, e por isso o processo de cura sofreu considerável atraso», explicou.

Foi laureada, primeiro, nas provas hípicas Aude Meester, em Salisbury, a 9 de Janeiro; e, depois, saltando com a equipa da Rodésia nas recentes provas hípicas internacionais de Meikles.

A Sr.ª Van Heerden trabalha agora em regime integral na escola de equitação. Dedica o seu tempo ao treino de seis cavalos e ao ensino. Obteve licença do médico, embora este a tenha advertido a não se cansar demasiado, pois isso poderia ter efeitos contrários ao processo de cura. «Tive febre durante um mês e, assim que lhe escrevi falando disso, a febre simplesmente desapareceu», contou. «Ele disse-me depois que essa febre fora provavelmente causada pelo esgotamento dos olhos, e que podia tratá-la juntamente com a cura da vista.»

A cura milagrosa da Sr.ª Van Heerden desorientou por completo um cirurgião oftalmologista de Salisbury. Quando o visitou, cerca de um mês antes, este dissera-lhe que o enxerto que deveria ser feito em Joanesburgo já não era necessário, pois a sua melhoria era notável. Por essa mesma razão, as lentes corretivas e os óculos de sol poderiam ser dispensados. «Mas ele não quis comprometer-se e atribuiu a minha cura à vontade que eu tinha de sarar», disse ela.

Neste momento, a Sr.ª Van Heerden treinava para o maior acontecimento hípico de África, a realizar-se em três fases, no dia 20 de Abril: o *Whitbread*, em Joanesburgo. Já participara duas vezes nesse evento.

Ao enviar-me o artigo do jornal, Ailsa acrescentou que, em alguns aspetos, «eles certamente se confundiram um pouco, mas o essencial foi tratado corretamente e, quanto aos resultados, também.»

Isto significa que, quando o sucesso de Ailsa for notícia de jornal, muitos se esquecerão de que foi a cura de um cirurgião espírita que tornou possível essa vitória.

CAPÍTULO XVI

UMA CURA MILAGROSA

Num dos primeiros capítulos mencionei que recebo inúmeros pedidos para viajar ao estrangeiro, a fim de permitir que o Dr. Lang trate os pacientes pelo contacto direto. Um desses pedidos foi-me dirigido por Maxine North, uma intrépida mulher de negócios americana que vive atualmente em Banguecoque. Não pude aceitar o convite, mas felizmente a Sr.ª North veio de avião a Inglaterra — e o resultado foi que sarou completamente.

A Sr.ª North e o marido, Robert Guilford North, visitaram Banguecoque pela primeira vez em 1951, quando ele era cenógrafo da 20th Century Fox. Projetara um cenário para um filme no estilo de Humphrey Bogart. Ambos se apaixonaram pela cidade e decidiram permanecer ali «por alguns meses». Robert e Raat Pestonji fundaram os estúdios cinematográficos Hanuman.

Uma noite, em conversa com amigos, um deles comentou que seria possível ganhar uma fortuna naquele país com uma fábrica de gás carbónico. Maxine North passou a noite inteira a pensar nisso. No dia seguinte, percorreu todos os estabelecimentos de engarrafamento, incluindo o maior deles, o da Coca-Cola, e verificou que todas as empresas necessitavam de gás carbónico. Com vasta experiência nos negócios nos EUA, arriscou 200.000 dólares para financiar o projeto, que começou a funcionar em 1953.

Mas, no ano seguinte, Robert North contraiu poliomielite e morreu em três dias. Maxine regressou aos Estados Unidos, arrasada pela dor, e permaneceu cinco meses no país, até que a sogra a convenceu a voltar a Banguecoque para pôr em ordem os negócios antes de regressar definitivamente.

Essa era a sua intenção. Porém, ao regressar, descobriu que a companhia de gás estava à beira da falência. Numa reunião de acionistas aceitou permanecer um ano em Banguecoque, dirigindo a empresa. Ao fim desse tempo, um dos acionistas quis vender-lhe

equipamento para tratamento de água, e a Sr.ª North começou a pensar na produção de água potável como segunda fonte de rendimento para salvar a companhia de gás. Encomendou garrafas, mas, quando estas chegaram, descobriu que a empresa já não tinha fundos para pagá-las. Também não conseguiu empréstimo.

Esgotada e desesperada, entrou numa igreja, sentou-se num banco e chorou. Mais tarde, contando a história à *Asia Magazine* (19 de Dezembro de 1971), explicou o que se passou: «Então senti que algo me agarrava pelos ombros e me sacudia. Uma voz disse-me: 'Funda uma nova companhia'.» Essa voz passou a desempenhar um papel importante na sua vida e ajuda-a a tomar decisões cruciais.

Seguindo o conselho, fundou a *North Star Company*. No início teve de lutar, mas, pouco a pouco, alcançou tal êxito que hoje conta com 8.000 clientes regulares só em Banguecoque e muitos outros espalhados pela Tailândia. Possui uma nova fábrica em Pattaya, estância balnear, e outra em Chiengmai, no Norte do país.

Em 1960, juntamente com uma sócia, fundou outra empresa — a *Thai Celadon* — que fabrica as célebres cerâmicas tailandesas refratárias ao fogo, no mesmo estilo das porcelanas verdes chinesas, conhecidas como *celadons*. Demoraram um ano a aperfeiçoar a técnica, com a ajuda de oleiras formadas no Japão. Agora, apesar das dificuldades financeiras iniciais, o negócio prospera.

O resultado é que, hoje, a Sr.ª North é uma das mais importantes empresárias da Tailândia, presidente do conselho de administração da Companhia *Thai Celadon* e diretora comercial da *North Star*.

Se dou aos leitores todos estes detalhes de ordem comercial é para que percebam que ela é uma mulher de negócios astuta e equilibrada. Mas, fora das suas atividades industriais e comerciais, tem muitos outros interesses, incluindo uma ávida curiosidade pela cura espiritual. Para a satisfazer, comprou um livro que lhe parecia tratar da técnica da imposição das mãos. Então percebeu que o livro expunha o trabalho do Dr. Lang.

Num artigo escrito especialmente para este livro, a Sr.ª North confidencia-nos:

«A história», conta a Sr.ª North, «simplesmente galvanizou-me. Nessa altura eu sofria de bursite no ombro direito, enfermidade que resistia obstinadamente a injeções maciças de cortisona. O simples ato de escovar os dentes ou pentear o cabelo era um martírio, e estava fora de questão conseguir dormir uma noite inteira em repouso profundo.»

Escrevi a George Chapman em Dezembro de 1969 e, depois de várias trocas de cartas tentando, sem êxito, convencê-lo a vir a Banguecoque, tomei o avião para Londres e tive a minha primeira consulta com o Dr. Lang a 7 de Outubro de 1970.

Antes desta visita, vários membros do meu pessoal tinham viajado a Londres para serem tratados pelo Dr. Lang, e pensei que os seus relatos me tivessem preparado para a entrevista. Mas compreendo agora que é impossível preparar-se para tal encontro. O brilho de cordialidade e compreensão que emana deste extraordinário cavalheiro idoso dissipa prontamente qualquer sombra de dúvida ou incerteza, e o paciente sente-se entregue às suas benfazejas mãos, para se libertar das dores que o atormentam.

A minha bursite foi tratada, não no ombro, mas na zona posterior do pescoço e, em três dias, a terrível dor que tornara a minha vida quase insuportável desapareceu para sempre. Uma cura absolutamente milagrosa!

Quero chamar a atenção do leitor para o método do Dr. Lang, que consiste em procurar a fonte da dor em vez de se restringir apenas ao lugar dolorido. O Sr. Keng Na Ranong, meu contabilista-chefe, sofria de perturbação visual a tal ponto que estava prestes a abandonar o trabalho e resignar-se à perspetiva da cegueira. Marquei-lhe uma consulta com o Dr. Lang e ele voou para Londres, em Setembro de 1970, para o primeiro tratamento.

O doutor diagnosticou imediatamente uma insuficiência aquosa nos olhos e operou o corpo etérico para corrigi-la. A visão de Keng começou a melhorar. Em Abril de 1971, de volta a Inglaterra para um segundo tratamento, o Dr. Lang disse-lhe que a sua visão nunca ficaria perfeita, mas que não voltaria a piorar. Esta garantia entusiasmou-o de tal modo que a melhoria progrediu rapidamente.

Um pormenor interessante no caso de Keng é que, antes de perder a boa visão, fora excelente jogador de golfe. A cegueira que se instalava obrigara-o a abandonar o jogo, e não pegava num taco havia dezoito anos quando realizou a segunda visita ao Dr. Lang. Ora, o próprio médico fora um golfista apaixonado e, ao saber que Keng abandonara o jogo, insistiu para que retomasse a prática. Falou-lhe tanto das múltiplas vantagens do golfe que agora todos nós jogamos, o que alargou os nossos interesses.

Atualmente, já fiz duas visitas ao Dr. Lang e espero poder fazer uma terceira em breve. O tratamento à distância faz parte do seu programa e tive diversos exemplos dos seus benefícios. Porém, estar em presença do Dr. Lang, quando ele trabalha através do seu médium, George Chapman, é uma experiência que me enleva mais do que qualquer outra que jamais tive. Saber que este homem maravilhoso está próximo é profundamente reconfortante, e creio que, para aqueles que têm a sorte de receber o seu tratamento, é importante reforçarem-se através do contacto pessoal numa consulta, sempre que possível.

CAPÍTULO XVII

A CIÊNCIA PROVARÁ?

«Foi em Banguecoque que uma das nossas queridas amigas de longa data, Maxine North, sugeriu à minha mulher que consultasse o Dr. Lang.»

O autor destas palavras é Morton B. Jackson, conhecido jurista de Los Angeles, EUA. Entre a sua clientela encontram-se muitas figuras célebres, com endereço na Avenida das Estrelas. A sua esposa, Nancy, pertence ao círculo do iogue Maharishi Mahesh, mestre de meditação transcendental que contou os Beatles entre os seus discípulos. Os Jackson praticam há onze anos o método da meditação transcendental de Maharishi.

«Conhecendo a inclinação de Maxine para o insólito», continua Morton Jackson, «Nancy não achou a proposta surpreendente, mas teve dúvidas consideráveis quanto à eficácia de um tratamento espiritual para enfrentar uma inimiga tão implacável como a espondilite reumática, contra a qual eu combatia havia mais de dez anos.

Maxine deu a Nancy um livro sobre o Dr. Lang para ler durante a sua travessia do Oriente para Inglaterra, onde devíamos encontrar-nos. Mas, não confiando inteiramente que Nancy o lesse — Maxine é tão prática quanto persuasiva — teve também o cuidado de escrever, pedindo uma consulta para nós durante a nossa futura estada em Londres.»

Quando Nancy chegou a Londres, uma gentilíssima carta esperava-a, confirmando as duas consultas. Nesse intervalo, lera o livro, que continha um capítulo sobre um homem tratado pelo Dr. Lang da mesma enfermidade — espondilite reumática — e apressou-se a contar-mo assim que cheguei.

A minha primeira reação, como a dela, foi algo cética. Mas, como faz a maioria dos advogados, adio instintivamente o juízo até ter uma prova segura. Li também o livro e fiquei muito impressionado com o caso nele descrito — a tal ponto que me convenci de que uma consulta valeria certamente o pequeno esforço de viajar a Aylesbury.

Era mais isso do que o ditado «Quem não arrisca, não petisca». O treino profissional pode explicar o meu instinto de procurar descobrir o valor das coisas, sem me deter demasiado em questões de doutrina. Na minha escala de prioridades, a substância precede a forma e tenho tendência a impacientar-me perante um pensamento dogmático ou doutrinário.

Outra coisa contribuiu, sem dúvida, para despertar o nosso interesse pelo trabalho do Dr. Lang e levar-nos a confiar nele como conselheiro. Foram as nossas relações com o iogue Maharishi Mahesh, que conhecíamos havia cerca de dez anos e cuja meditação praticávamos desde então. Embora a meditação transcendental nada tenha a ver com o *modus operandi* do Dr. Lang, muito aprendêramos sobre o mundo do espírito através do contacto contínuo com Maharishi. Estávamos, pois, num terreno talvez mais familiar do que para a maioria das pessoas.

Em última análise, o factor principal era a própria natureza da espondilite reumática — prima indesejável de uma enfermidade igualmente desagradável, a artrite. A espondilite não atinge as articulações em si, mas os ligamentos que as unem, limitando os movimentos na direção desejada. O termo reumatismo articular significa simplesmente inflamação.

A doença começa nos ligamentos ao longo da espinha dorsal e estende-se ao pescoço, ombros, caixa torácica, ancas, joelhos e além. A sensação é como se, de súbito, se tivesse várias costelas fraturadas, bursite nas ancas e ombros, gota nos joelhos, meia dúzia de hérnias discais e fortes golpes de chicote em simultâneo. A medicina convencional desconhece a causa e considera a doença incurável. É progressiva e pode deixar o doente incapacitado, embora os sintomas possam ser limitados por medicação enérgica.

Após dez anos de terapia «convencional», recorri finalmente ao Dr. Henry Bieler, de Capistrano Beach, na Califórnia, pioneiro da medicina nutricional, que considera tais doenças resultantes essencialmente de uma desordem metabólica. Sob os cuidados de um dos médicos formados por ele, resolvi seguir um regime alimentar rigoroso.

O tratamento, porém, foi particularmente complicado, pois o meu metabolismo estava já profundamente perturbado pelos medicamentos anteriormente administrados como paliativos contra os sintomas. Apesar disso, três anos depois já conseguia trabalhar sem cortisona e sem medicação excessiva. Entretanto, a doença estacionara e começara a regredir. Tive até uma vitória: consegui nadar de novo, embora para regressar ao ténis tenha precisado de muito mais tempo.

Vistas as coisas assim, a perspetiva de receber alívio — por mais estranho que pudesse parecer aos outros — foi algo que, sem exagero, não pude rejeitar.

O nosso interesse tornou-se contagiante: a Sr.ª Barbirolli, viúva do célebre maestro, que era nossa anfitriã em Londres, ficou muito intrigada e insistiu em levar-nos pessoalmente de carro a Aylesbury para uma consulta. Chegámos a St. Brides a meio da tarde de um dia frio e húmido. St. Brides era uma casa de tijolo, sólida, agradável e sem pretensões, situada à beira da cidade, com um anexo mais pequeno, no mesmo estilo, que servia de consultório e ficava junto à estrada.

Na pequena sala de espera, Michael, filho do Sr. Chapman, recebeu-nos. Chegámos alguns minutos antes da consulta e havia outras pessoas a aguardar. Nós próprios esperamos cerca de quarenta e cinco minutos até que Michael me fez entrar. Julguei ver um rapaz chegar sem marcação, mas ser aceite — algo raro, apesar da agenda estabelecida pelo Dr. Lang.

Fui conduzido a um quarto semi-escuro, com as cortinas corridas e apenas a fraca luz de um candeeiro de abajur. O Sr. Chapman, de olhos fechados, ergueu-se de uma cadeira no fundo da sala, estendeu-me a mão e veio cumprimentar-me. Parecia ter uns quarenta anos, mas apresentava-se curvado, como alguém bem mais idoso. A voz que ouvi era a de um velho senhor doutros tempos: cortês e cordial. Não me foi difícil aceitar que estava, de facto, a falar com o Dr. Lang. Tudo se desenrolava de forma tão natural que nada havia de particularmente estranho.

O Dr. Lang indicou-me uma cadeira junto da sua e sentámo-nos. Fez-me perguntas pessoais, falámos do meu passado em geral e do clínico em particular. Ouviu com interesse que Nancy e eu éramos hóspedes da Sr.ª Barbirolli e recordou-se de ter conhecido o seu falecido marido. Pediu-me que relatasse a história da minha doença e deteve-se sobretudo na parte relativa ao regime alimentar seguido nos últimos anos.

Explicou-me que, no meu caso, tencionava fazer três coisas, de início: primeiro, aplicar certas injeções no líquido cefalorraquidiano; depois, alterar ligeiramente o meu metabolismo; por fim, estimular a circulação sanguínea na parte inferior do tronco, junto da coluna lombar. Em seguida levantou-se e pediu-me que me inclinasse um pouco, com as costas direitas, apalpando-me suavemente a coluna em diversos pontos, de cima para baixo.

Eu despira o casaco, mas mantinha a camisa. Enquanto me tratava, ouvia por vezes o estalar seco dos seus dedos, acompanhado de instruções a Basil e a outros assistentes. A natureza do contacto, embora suave, parecia corresponder ao manejo de instrumentos invisíveis.

Após alguns minutos, conduziu-me à mesa de exame, equipada com um suporte para a cabeça e o pescoço. Acomodei-me confortavelmente e ele continuou a «operar» como antes, começando — conforme me recordo — pela região do peito e do coração, passando depois ao abdómen, onde se encontram o fígado, o diafragma, etc.

Durante esse tempo, sem cessar de dar instruções e de estalar os dedos, ele continuou a conversar comigo, mas a conversa tinha, então, como única finalidade explicar o porquê e o modo do que fazia. Lembro-me de que sugeriu que, por causa da existência de um vírus na carne dos animais — vírus que desempenha um papel importante na causa da

doença — seria prudente evitar ingerir demasiada carne, sobretudo a de animais grandes, de carne vermelha. Caso fosse indispensável comer carne, seria preferível que fosse bem cozida ou proveniente de animais menores. Nada mais de bifes sangrentos, ai de mim!

As suas explicações interessaram-me especialmente, tanto mais que a teoria do Dr. Bieler sustentava que a espondilite teria origem inteiramente metabólica, ponto de vista que parecia enquadrar-se na reabilitação do meu metabolismo, efetuada pelo Dr. Lang. Em todo o caso, tal como o Dr. Bieler, aconselhou-me banhos diários muito quentes, dizendo que, embora não fossem um remédio, ajudariam a restabelecer o funcionamento deficiente, desde que a causa da enfermidade fosse atenuada. Acrescentou que, se se adicionasse óleo a esses banhos, a eficácia aumentaria.

O tempo passou rapidíssimo. Tive a impressão de termos estado juntos quinze ou vinte minutos. Ao despedir-me, surpreendi-me ao constatar que a consulta durara quarenta e cinco. Antes de partir, o Dr. Lang aconselhou-me a escrever ao Sr. Chapman todos os meses, para que pudesse tratar-me à distância. Não considerava necessário que o visitasse antes de um ano, mais ou menos. Ele próprio faria saber quando houvesse progresso.

Despedimo-nos com um aperto de mão e saí para que Nancy também pudesse usufruir da sua consulta — cuja hora já passara há muito. Enquanto ela estava com o Dr. Lang, a Sr.ª Barbirolli e eu conversámos com Michael, que nos explicou que, devido à sobrecarga que recaía sobre o corpo do Sr. Chapman, o Dr. Lang só atendia doentes três dias por semana, das 12 às 15 horas. Nesse dia, o programa não fora respeitado, pois já passava das 16. Michael disse-nos que, ao sair do transe, o pai ficava muito cansado e ia repousar imediatamente.

Fiquei, por isso, agradavelmente surpreendido quando Nancy nos disse, à saída, que o Dr. Lang ficaria contente em receber a Sr.ª Barbirolli por um instante e que depois poderíamos todos conhecer o Sr. Chapman.

Com efeito, o Sr. Chapman parecia de facto cansado quando o vimos após a visita da Sr.ª Barbirolli. O seu aspeto diferia do anterior. Quando eu falava com o Dr. Lang, o corpo, embora jovem, parecia pertencer a uma pessoa idosa, mas vigorosa. Agora, era um homem mais novo, mas esgotado, necessitado de repouso. Ainda assim foi muito cordial e

conversámos um pouco. Não querendo importuná-lo mais, agradecemo-lo e partimos.

Nas semanas seguintes não houve nem «milagre» nem melhoria espetacular. Apenas mudanças subtis — e talvez significativas — em diversas partes do corpo, ou pelo menos assim me pareceu. Até agora não produziram resultados evidentes. Todavia, tratando-se de uma doença tão persistente, é cedo demais para esperar progressos. Entretanto, continuo a necessitar de menos medicamentos.

É inevitável que as exigências de uma vida muito ocupada e o exercício de uma próspera profissão jurídica atrapalhem o curso de uma terapia ou até a anulem. Luto para conseguir um banho diário, pois não posso tomar dois, como me fora aconselhado.

Ainda assim, julgo que, no geral, nos mantemos numa razoável consistência de 80%. De qualquer modo, nunca me foi prometido um milagre, nem sequer uma melhoria. Se bem me recordo, o Dr. Lang desejou-me melhoras, mas não fez alardes nem predições otimistas. Conversando com Nancy, exprimiu apenas um otimismo moderado a meu respeito, e nada mais.

Quanto aos honorários, foi sugerida uma doação muito modesta, oferecida de boa vontade.

Qualquer que seja o resultado desses esforços, o contacto com essas pessoas amáveis e devotas constitui uma recordação agradável e reconfortante, que as suas cartas, em resposta às minhas ocasionais informações, renovam constantemente. Espero voltar a encontrá-los e falar mais demoradamente com o Dr. Lang.

Eis o relato que um advogado fez do seu encontro com o Dr. Lang. A sua esposa, Nancy, enviou-me também um testemunho sobre a visita que ambos fizeram a Aylesbury, naturalmente em consonância com o de Morton Jackson. Extraí alguns trechos que, penso, acrescentam um pouco mais à história do casal.

«Ficámos ambos muito impressionados com o Dr. Lang», descreve ela, «e sentimo-nos honrados por ele nos tratar. Aparentemente eu não estava doente e não podia pedir-lhe ajuda. O meu marido acha que o Dr. Lang lhe trouxe alívio, e isso basta-me. Devemos esforçar-nos por ser recetivos a estas coisas; conhecemos muito pouco dos recursos da

mente e das verdadeiras potencialidades da humanidade, e não sabemos utilizá-los. O Sr. Chapman sacrifica-se, guiado pelo espírito do Dr. Lang, para ajudar as pessoas a recuperar a saúde. Como não sentir profunda gratidão por ele, que faz tudo quanto está ao seu alcance?»

Numa outra parte da carta, faz uma observação que me parece particularmente adequada para encerrar este livro:

«Os russos revelaram-nos recentemente factos sensacionais no campo da parapsicologia. Com a ajuda de um novo tipo de eletrofotografia, conseguiram registar a “auréola” ou “aura” do corpo humano. Essas fotografias parecem provar a existência do corpo etéreo (uma espécie de molde sobre o qual o corpo material assenta). Quando se fotografa, por esse processo, o corpo de um homem a quem foi recentemente amputado um membro, o corpo etéreo continua a aparecer completo. O mesmo sucede com as plantas: quando uma folha é fotografada inteira e logo depois mutilada, ambas as fotos mostram a sua “aura” completa.

Maxine North explicou-me que o Dr. Lang ajuda o corpo etéreo a coincidir perfeitamente com o corpo material. Assim, o corpo etéreo pode transmitir saúde ao corpo físico. Isto parece-me compreensível, e parece que a Ciência está prestes a comprovar algo nesse sentido.»